

*Dossiê “Faculdade de Formação de Professores - FFP/UERJ:
50 anos formando formadores”*

ENTREVISTA

QUEM EDUCA O/A EDUCADOR/A?

Uma entrevista-conversa sobre os 50 anos
da Faculdade de Formação de Professores

Rosimeri de Oliveira Dias 

Maria da Conceição Calmon Arruda 

Rosimeri de Oliveira Dias: Boa Tarde. [Vozes respondem boa tarde.] Boa tarde a todos, a todas, a todes. Estamos aqui hoje para fazer essa gravação¹ para o Dossiê comemorativo dos 50 anos da Faculdade de Formação dos Professores de São Gonçalo, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ). Eu e minha parceira querida, Conceição, vamos disparar aqui aquilo que vai mover esse nosso encontro desta tarde, que é uma certa entrevista e conversa entre nós, professores e técnicos, para pensar os 50 anos de Faculdade de Formação de Professores. Vou passar a palavra para Conceição, porque ela vai disparar nossa conversa.

Maria da Conceição Calmon Arruda: Boa tarde a todos e todas, a Rosi teve a ideia que motivou esse dossiê. Como eu sou uma das editoras da revista da ANFOPE² – Formação em Movimento, e eu amei a ideia porque também estou aprendendo com vocês. Eu acho que foi... acho que vou falar aqui, foi com base no livro que resultou de textos da professora Haydée Figueirêdo³ e a leitura desse livro me fez conhecer a história da FFP. Eu sou professora aqui desde 2016 e esse conjunto da história, da conversa que vocês vão trazer, acho que vai dizer um pouco da História dessa Universidade. Eu fiz um textinho aqui baseado no livro. Eu acho que celebrar os cinquenta anos da Faculdade de

¹ Entrevista realizada via plataforma *meet*, no dia 2 de maio de 2023.

² ANFOPE - Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação.

³ NUNES, Clarice org. Docência e pesquisa em educação na visão de Haydée Figueirêdo. Rio de Janeiro: Litteris Ed., 2010. 231 p.

Formação de Professores de São Gonçalo nos convida a refletir sobre a sua história e sobre os sentidos da formação de professores em uma cidade periférica, atravessada por contradições e por disputas políticas. A potência do hoje – o que nós somos, o que a FFP é – dialoga com o passado e o futuro e com as ações do presente. Esse futuro não acontece sem a pulsão do presente. Haydée Figueirêdo, em seu memorial de doutoramento, levanta as seguintes questões que eu e a Rosi acordamos que poderiam ser norteadoras: “Como se deu a conjunção política que gerou a Faculdade de Formação de Professores? Em seu tempo de existência político-institucional, que caminhos percorreu em relação ao seu projeto político-pedagógico? Qual o lugar dessa instituição no cenário regional e que se encontra inserida? Tais perguntas, no entanto, estão articuladas em uma questão mais ampla: quem educa o educador?”.

Mariza de Paula Assis: [Risos]

Rosimeri de Oliveira Dias: Quer começar, Mariza?

Mariza de Paula Assis: [Risos] É, é bem provocativa essa pergunta, né? Quem educa o educador? O educador está eternamente se educando, né, na troca com o educando e ele se educando. É... não sei nem como é que começa nossa história não, mas a Faculdade para mim, quando eu a conheci, eu a conheci como sendo um Centro de Formação de Professores que o Estado do Rio de Janeiro estava incorporando. Ali, naquela época, era Faperj⁴, né, já era Faperj, em 1981, e em agosto, dia 10 de agosto de 1981 eu vim para cá, o Departamento de Educação era lá no final do corredor e ali foi tomando uma espécie de quem é, de que era essa instituição. E eu me surpreendi muito, porque na realidade ela tinha essa característica, um corpo discente muito mais adulto, sabe? Eram pessoas mais adultas que na realidade trabalhavam, os cursos eram todos noturnos, até então, naquela época, tal qual a UERJ, eles pagavam uma taxa para estudarem. Estou lembrando das lutas que a gente foi travando depois, como, por exemplo, tirar o pagamento. Como que uma instituição pública, que tá dando uma formação, vai pagar? Foram umas coisas assim do tempo que foi se organizando, né. Então, nesse momento de conhecer essa instituição, eu me apropriei do que era possível. Eu morava no Rio ainda, mal sabia andar em São Gonçalo, para chegar aqui foi... mas sou teimosa, eu queria, e foi uma experiência assim que eu vou dizer para vocês: eu não estou até agora aqui à toa. Tenho muito prazer no que eu faço aqui, né. Muito prazer e muitos desafios foram vividos aqui. Muitos confrontos. E eu cresci aqui dentro, né. Na realidade eu amadureci também nas relações com as pessoas aqui. Essas trocas do cotidiano com os alunos, com os colegas, com as direções que apareceram aqui... porque as direções iniciais sempre eram muito complicadas, elas não eram escolhidas por nós. A gente conseguiu... a primeira eleição que nós

⁴Faperj - Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.

conseguimos de fato foi escolher a Rosa. Rosa Marise [Paz de Albuquerque]... qual o sobrenome dela? Rosa Paz, ela era até professora do nosso...

Ana Lúcia Pinto Considera: Marise de Albuquerque.

Mariza de Paula Assis: Paz de Albuquerque, né?

Ana Lúcia Pinto Considera: A gente conhecia sobrenome e telefone.

Mariza de Paula Assis: Não, mas eu ainda tenho uma boa memória com relação a isso. Rosa era do departamento de Educação e era uma pessoa muito articulada com a coisa mesmo da defesa da instituição. Isso já é 1984, se não me engano, que é quando a gente vai... é, 1984, justamente no momento em que o governo Brizola assume e acho que nos fortaleceu, porque a gente já tinha havido o movimento da criação da ADFFP. Se procurar lá nos... algum papel a gente vai achar a criação da Associação Docente da Faculdade de Formação de Professores (ADFFP). Isso acho que foi em 1983. O tempo tá esquisito agora, né? A gente fica naquela que tempo... que tempo é esse", né?

Ana Lúcia Pinto Considera: Foi 1984, Mariza. Por que lembra que...

Mariza de Paula Assis: Oitenta e quatro foi o Complexo Educacional de São Gonçalo (CESG)⁵.

Ana Lúcia Pinto Considera: Porque lembra que 1984 foi quando teve aquele monte de direção e com a luta dos professores conseguiu chegar a Rosa e depois Neymar [Neymar Negreiros Brigido]. Foi assim... acho que foi a partir daí.

Mariza de Paula Assis: Pois é, mas Rosa... a Rosa a gente conseguiu colocar como uma direção eleita por nós, e não imposta por causa da circunstância política que era o Complexo Educacional de São Gonçalo. Porque nesse momento a Rosa assume a direção da faculdade, ao mesmo tempo que começa a organização de nós estarmos fazendo parte desse grande complexo no projeto da [ininteligível por ruídos] como é que era que ele falava, era...? A calçada da educação. Começava lá no Colégio Estadual Coronel João Tarcísio Breno, quem estava na direção era Lúcia Veloso Maurício...

Maria da Conceição Calmon Arruda: Ela escreveu um texto sobre isso, não escreveu, Mariza?

Mariza de Paula Assis: Escreveu tem um tempinho já também.

⁵ Sobre o Complexo Educacional de São Gonçalo (1984-1986) ver o artigo Formação de professores: uma experiência nos anos 80, de Lúcia Velloso Maurício, neste dossiê.

Maria da Conceição Calmon Arruda: Tem, tem um tempinho. Ela falou que tinha que conversar com você porque você conhecia o projeto.

Mariza de Paula Assis: É, esse projeto foi muito legal. Foi uma vivência muito boa, né? E os conflitos que surgiram aqui... começava umas coisas que ficavam assim, bem discrepantes com uma instituição de ensino superior, com os móveis todos para a adultos, de repente aquela criança toda entrando aqui, nessas cadeiras, carteiras que não cabiam as crianças. Ao mesmo tempo que tinham as aulas e as crianças estavam tendo as aulas delas, cara... era uma doideira, mas muito provocativa. Eu fui coordenadora de curso nessa época pela unidade. E a Lia Faria⁶ era diretora do Colégio Estadual Walter Orlandine, que seria Ensino Médio, né, e aí tem umas coisas no meio do caminho, como por exemplo as mudanças de currículo que a unidade sofre, né. Ampliação da oferta dos cursos. Os desdobramentos e a divisão dos cursos de Ciências e Letras. O curso de Letras até se manteve mais fechado, né, com a coisa de ser só Letras e depois você poderia escolher as habilitações, como é até hoje. Na realidade, na época a gente discutia a possibilidade de ser um curso Português-Inglês e um curso Português-Literatura, mas a gente entendeu que ficava tudo no núcleo da Letras. No [Curso de] Ciências, o [de] Estudos Sociais quando eu comecei aqui era só Licenciatura [de] Curta⁷ [Duração] e aí ele não fechava. Em 1985 a gente consegue. Em 1985, isso daí eu tenho certeza de que é isso mesmo. Quando tem a reforma curricular a gente propõe o curso de História e Geografia. E aí já como Licenciaturas plenas. Mas é isso... se é conversa, eu tenho que ouvir os outros também, né? Então isso é um pouquinho de tudo isso, né. E acho que é nesse processo que a gente fica se educando e o professor se educando. Eu falei, quando eu vi Max [Maxmilliano Torres], aquele magrelo... cara magrelo, alto, mas ele vinha nos corredores, com aqueles cabelões lindos... Priscila [Cardoso Petito] também, mais ou menos nessa época. Ana Claudia [Ramos Sacramento] é um pouco depois. Ai, é muito legal isso. Ah, e hoje eu vou dizer para a vocês... é uma emoção Rui [Aniceto Nascimento Fernandes], que tá escondidinho lá na telinha, mas Rui também... quando a gente vê o crescimento dele junto com o pessoal da História, né. É bom que é cada um de um curso. Tem a Elaine [Ferreira Rezende de Oliveira]. A Elaine da Educação também é do início de 2000. E mais: Fábio [Silva de Souza?] da Matemática, o Fabinho. Milena [Torres de Aguiar de Letras]. Ih, tem é gente. Que hoje é muito bom, porque hoje são nossos colegas. E olha, valeu a pena, sabia? É muito legal porque a gente vê como valeu a pena. E ver esse povo seguindo e investindo nessa formação e o envolvimento com a instituição, porque acho que isso

⁶ Lia Ciomar Macedo de Faria é professora titular aposentada da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

⁷ As licenciaturas de curta duração estavam previstas na Lei nº 5692 de 11/8/1971, tinham uma carga horária inferior à da licenciatura plena e como objetivo agilizar a formação de professores. Os licenciandos de curta duração só podiam atuar até determinada série. A Lei 9394 de 20/12/1996 extinguiu as licenciaturas de curta duração.

também diz. Porque todos eles poderiam ir para qualquer outro lugar, né? Poderiam fazer concurso para qualquer outra instituição, como nós tivemos uma perda significativa de parceiros, professores, quando nas nossas crises, a gente entende, sem fazer juízo de valor nisso... No entanto não, continuamos aqui guerreiramente segurando essa bela instituição. Só mais uma coisa que eu acho muito importante: muita gente diz que a FFP não é conhecida, mas ela é conhecida. Ela pode não ser reconhecida quando não é conveniente. E aí eu falo do governo deste município onde nós estamos inseridos. Porque ele nos conhece, ele sabe da nossa competência, sabe do que somos capazes. Houve um momento em que ficavam nos chamando apenas de Faperj. Na realidade essa ação nossa permitiu a nossa vascularização por essa região do Leste Fluminense⁸. Fomos para a Maricá, para Araruama, para cursos de graduação. Acho que Rosi quando chega ainda tinha Araruama.

Rosimeri de Oliveira Dias: Sim, fiz parte desse grupo.

Mariza de Paula Assis: Pedagogia lá em Araruama, a especialização em São Pedro de Aldeia, nós tivemos, que acabou virando um aperfeiçoamento porque não conseguiu atingir o montante de carga horária. E essas trocas que hoje vêm se consolidando mais com os convênios, né. Então um pouco disso. Não sei se mais alguém quer complementar um pouco mais sobre essa pergunta. Essa pergunta perigosa que a Haydée faz[risos].

Rosimeri de Oliveira Dias: Vai, Ana, complementa.

Ana Maria de Almeida Santiago: Eu acho engraçado que a Mariza faz histórico, que é um histórico que eu não vivenciei nem como aluna nem como profissional, mas era uma perspectiva, um sentimento que eu tinha em relação à FFP. Então eu sou concursada pelo CAP/UERJ⁹ e comecei a trabalhar no CAP/UERJ em 1997 como contratada e em 1998 como efetiva. Depois de um determinado momento, conhecendo um pouco melhor a instituição, comecei a ter uma vontade de vir para a FFP. E a minha vontade de vir para a FFP tinha muito a ver com essa perspectiva de ser uma faculdade de formação de professores. Quer dizer, eu não saía daquela identidade que eu tinha na minha formação, já que o CAP era um colégio de Aplicação então eu recebia alunos do Maracanã de maneira geral, para fazer estágio. E eu tinha uma sensação de que a FFP tinha um comprometimento político muito grande com a região, com a formação de professores. Mas era uma sensação mesmo, era uma coisa muito mais

⁸ A Região Leste Fluminense do Estado do Rio de Janeiro é formada pelos municípios de Araruama, Armação dos Búzios, Arraial do Cabo, Cabo Frio, Cassimiro de Abreu, Iguaba Grande, Itaboraí, Maricá, Niterói, Rio Bonito, Rio das Ostras, São Gonçalo, São Pedro da Aldeia, Saquarema, Silva Jardim e Tanguá,

⁹ Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, mais conhecido como Cap/UERJ, é uma unidade acadêmica da UERJ voltada para a formação no Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

emocional do que racional, porque eu não conhecia propriamente o trabalho profundamente e tinha esse desejo de vir para a FFP. Fiz dois concursos para a FFP – um o concurso que passa Marcia Gonçalves e Daniela Calainho, foi o primeiro concurso que eu fiz, que eu não tinha mestrado ainda nessa época, aí me estrepei, porque não tive condições de currículo na hora de pontuar. Depois fiz novamente outro concurso, que foi o que entrou Marcelo Magalhães e Helenice Rocha. Nesse eu fui muito malsucedida, fui reprovada. E aí eu disse “não, mas eu não vou desistir assim tão fácil não [risos]. Não vou desistir tão fácil”. Aí quando entrou a DE [Dedicação Exclusiva], quando a gente ganhou a DE [Dedicação Exclusiva], eu não estava nem na UERJ, eu estava cedida para a Secretaria do Ambiente, trabalhando com educação ambiental, aí veio a DE [Dedicação Exclusiva] e eu disse: “ah, vou voltar, eu tô comissionada aqui, mas o certo é a minha matrícula, né? Eu vou voltar”. E nessa de retornar... [Pausa] Aliás, eu ainda fiz um outro concurso para a FFP. Um para professor substituto. Eu tinha acho que um vício, alguma coisa que me atraía, porque não é possível. Porque eu fiz um para professor substituto que eu entrei, mas foi no ano que a UERJ proibiu que quem tinha matrícula fosse contratado. E aí eu já tinha dado os papéis todos, mas não pude entrar. E aí quando veio a DE e eu tava lá na secretaria e eu quis retornar, eu já estava morando em Niterói. Aí fiz uma consulta ao departamento, se tinham interesse em me receber. E aí por questões internas houve uma permuta e a professora foi para o CAP e eu vim para a FFP.

Mariza de Paula Assis: É a Márcia, né?

Ana Maria de Almeida Santiago: Não, fiz permuta com a...

Mariza de Paula Assis: Tânia? Mônica?

Ana Maria de Almeida Santiago: Não. Daqui a pouco sai o nome¹⁰. Quem é boa de nome é você, Mariza.

Mariza de Paula Assis: Não, mas era aquela que veio lá do IFCH¹¹ para a cá

Ana Maria de Almeida Santiago: Não.

Mariza de Paula Assis: Não é essa não?

Ana Maria de Almeida Santiago: Não, daqui a pouco eu lembro o nome. E foi uma permuta assim... bom, cheguei onde queria, né. Mas foi uma década fazendo esse processo de tentativa de vir para a FFP para conjugar uma coisa que eu, muito mais por sentimento do que por conhecimento, eu percebia. Que era essa perspectiva de você juntar a formação de professores com uma ação

¹⁰ Magali Engel

¹¹ Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH/UERJ.

concreta de transformação da vida e das pessoas e do lugar. Eu tinha um sentimento de que eu não estava fazendo... eu gostava do que eu fazia porque eu gostava de dar aula para as crianças, mas eu tinha um sentimento de que aquilo não tinha o papel social que eu gostaria que minha aula desse. Até porque eu fui me transformando muito com meu trabalho. Essa ida minha para a educação ambiental foi muito importante para a minha formação política. E aí depois dessa trajetória toda, eu cheguei aonde eu queria. Obviamente quando eu cheguei aqui, como pato novo não dá mergulho profundo, nunca podia imaginar que poucos anos depois seria diretora da unidade e muito menos podia imaginar que viriam quatro meses sem salário e muito menos que seria eleita para pegar [a direção] na pandemia.

Mariza de Paula Assis: Premiadas.

Ana Maria de Almeida Santiago: É isso.

Rosimeri de Oliveira Dias: Vai, Max.

Maximiliano Torres: Não, pegando uma carona tanto no que a Mariza começou a contar e fez essa trajetória e tudo que a Ana [Santiago] falou, eu fico me lembrando da quantidade de... “quantidade” é uma coisa meio absurda, né, porque assim, eu chego na FFP no primeiro semestre de 1991 e a FFP não tinha vestibular desde 1987¹², né, Mariza? Então era meio assim... Só era o Bloco A e lá em cima era a cantina e acabou. E aí tinha uns cavalos e enfim, era uma coisa meio Beto Carrero [risos]. E eu acho que nós éramos umas duzentas pessoas assim, no máximo, estourando, porque era uma coisa... os corredores bem vazios. Mas tinha uma galera mais velha — eu tô falando mais velha, mas naquela época talvez fossem mais novos do que eu hoje, porque eu era jovem — e era o pessoal da licenciatura curta, que tinha vindo para fazer a complementação da licenciatura plena. Então essa coisa do retorno... eu fazia muita disciplina, sobretudo da educação, porque era muita gente de História e Geografia, né, nessa situação, com esse grupo. Ah, e também tinham os de Matemática, que tinham feito Ciências, eu acho, e que depois tinham que optar entre Matemática e Biologia. Isso Mariza e Ana Lúcia Pinto Considera vão saber bastante. A minha chegada aqui na FFP foi exatamente por querer. Eu fiz aquilo que a gente chamava antigamente de curso normal, então na escolha do vestibular o que me chamou atenção foi o título “Faculdade de Formação de Professores”. Eu sabia o que eu queria fazer — queria fazer Letras —, mas a ideia de uma faculdade de formação de professores me chamou muita atenção. E eu não tinha percebido que era uma Faculdade de Formação de Professores em São Gonçalo, eu não sabia onde ficava São Gonçalo, nunca tinha ido a São

¹² Este período sem vestibular, 1988-1990, justifica-se pela transição para a UERJ. A partir de 1991, os ingressos de estudantes para a FFP acontecem por meio do vestibular da UERJ.

Gonçalo e fui no dia da matrícula. A matrícula era feita no caderno, né, Ana Lúcia Pinto Considera? Aquelas salas, o caderno todo mundo anotando, enfim... e por uma questão de algumas dificuldades, porque eu era professor do município, da prefeitura, né, de crianças, as disciplinas não eram — nem todas, né — sempre oferecidas à noite. Quer dizer, é uma realidade bem forte, ainda, no meu departamento. Então os alunos que trabalhavam tinham muita dificuldade de terminar um curso no seu tempo devido. E era uma escassez muito grande também do corpo docente. Daquela minha época mais ninguém está, dentre os que foram meus professores. Da minha época só Ana Lúcia Pinto Considera e Mariza, né. Porque do meu departamento mesmo, Armando [Armando Ferreira Gens] aposentou e Vera [Vera Lúcia Teixeira da Silva] também. Então os meus ex-professores agora são colegas aposentados. Mas voltando a esse questionamento da Haydée — é a Haydée de História da Educação?

Ana Maria de Almeida Santiago: É.

Mariza de Paula Assis: A própria.

Maxmilliano Torres: Haydée foi minha professora, né. Na época a gente...

[Mariza fala algo que é interrompido pelas trocas de microfones]

Maxmilliano Torres: Não, História da Educação. História da Educação a gente tinha I e II.

Mariza de Paula Assis: Isso!

Maxmilliano Torres: E aí eu lembro uma vez que não tinha luz no prédio e ela colocou ali, onde agora fica a casa dos seguranças, ela pediu para que cada aluno levasse uma cadeira, fizemos um círculo ali fora para ela continuar dando aula. E foi anoitecendo, não tinha luz, todo mundo no escuro e ela não parava de falar, né [Risos]. Então assim, voltando a esse tipo de questionamento que ela faz, que eu acho que é um questionamento que deveria ser colocado ali na porta, talvez. A gente pode pensar nisso, em fazer um cartaz e colocar “quem educa o educador?”, para que seja um exercício de autorreflexão. Ter uma resposta é muito difícil, mas olhando para os alunos da minha época, quando eu era aluno, o quê que nós queríamos? Ah, a Mariza fala que eu era o magrelo que ficava andando pelos corredores reclamando de tudo, fazia cena, dizia que não podia, que aquilo era um absurdo...! Uma encrenca que arrumei com uma professora de Língua Portuguesa que a gente tinha e queria reprovar um colega nosso que não pôde vir apresentar um seminário porque era bancário e deu diferença no caixa. Então ele ligou para a direção — na época era... como era o nome dele, Mariza?

[Mariza diz um nome que é difícil de entender pela sobreposição de microfones]

Maxmilliano Torres: Não.

Mariza de Paula Assis: Alan. Era o Alan.

Maxmilliano Torres: Alan era o diretor ainda e o rapaz ligou para a direção para avisar que ele não poderia chegar e ela fez uma cena, disse que azar o dele, problema dele.

Mariza de Paula Assis: Conceição [Maria Da Conceição Almeida Salles]?

Maxmilliano Torres: É, a própria.

[Mariza ri]

Maxmilliano Torres: [rindo] Finíssima, sabe, aquela coisa da mulher...

Ana Lúcia Pinto Considera: Quem?

Maxmilliano Torres: Conceição . De Língua Portuguesa. Uma aristocrata.

Mariza de Paula Assis: Uma de cabelo arrumadinho.

Maxmilliano Torres: Assim toda muito bem-vestida.

Mariza de Paula Assis: Toda bonita, parecia uma boneca de filme da década de 1950.

Maxmilliano Torres: Como toda mulher de classe média-alta, ela era sempre muito fina e muito educada enquanto ia enfiando a faca, né? [Risos]. [Mariza ri]. Então não havia esse tipo de... chegar lá assim.

[Maria da Conceição Calmon Arruda desliga a câmera, Mariza percebe e eles brincam com a situação]

Maxmilliano Torres: Mas enfim, voltando, essa ideia do “quem educa o educador” eu acho que a nova geração que está chegando, sobretudo agora depois de uma transformação por políticas públicas, ela tem mostrado para a gente quem tá educando o educador. A gente... eu pelo menos tenho aprendido muito mais do que ensinado e eu acho que essa é uma dinâmica que foi meio que construída lá, mas está sendo amadurecida hoje. Deixa eu passar a palavra para a Priscila.

Priscila Cardoso Petito: Posso? Primeiro, é um prazer, essas iniciativas são muito importantes para a gente que viveu todo esse tempo o cotidiano da FFP. Acho que documentar a vivência é importantíssimo. Obrigada pelo convite. Na verdade, estar aqui é como se fosse uma representação, porque a minha história é muito semelhante à história de vários dos meus colegas de departamento. No

departamento de Matemática muitos professores foram estudantes e agora retornam, depois do doutorado, como professores. E, ao contrário de Max, quando retornei, grande parte dos meus colegas de departamento foram meus professores. Então, eu convivi como aluna com quase todos os professores da graduação. Mariza estava falando ainda agora sobre essa questão de Faperj, sobre a história... Eu cresci – e eu cresci em São Gonçalo — ouvindo que ali era a Faperj. Isso para a minha geração era um conflito, porque nós achávamos que Faperj era Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro. Ali ser Faperj sempre foi muito contraditório na minha cabeça, nunca entendi muito bem, e só fui entender no Ensino Médio. Quando nossos pais referiam-se à FFP como Faperj, diziam “Você vai aonde? Na Faperj”. Quando íamos àquela linha - porque São Gonçalo tem duas linhas paralelas e eu morava na outra linha - , perguntavam: “Você vai para onde? Em direção à Faperj?”. Essa era a minha relação desde sempre com aquele lugar meio misterioso para mim. Diferente do que Max contou, que ele sabia o que ele queria cursar, eu não sabia. Só que, no meu caso — e aí, assim, sem entrar muito no assunto, porque aí a gente ficaria só nisso durante horas —, eu como mulher, gonçalense, achava que precisava, para ser ouvida, de um lugar de poder. E para mim esse lugar de poder era de uma professora de Matemática. Isso foi a primeira coisa que me chamou atenção, eu tinha que assumir esse lugar para ser respeitada, porque o professor de Matemática tinha aquele poder, né? E o interessante foi, ao entrar na licenciatura, entender que aquilo que me motivou era o mais importante para eu desconstruir, né? [Risos] Era esse o exercício mais importante, o de desconstruir a docência como instrumento de poder. Um fator importante que acho que pode ajudar a explicar o fato do departamento de Matemática hoje ser construído por muitos ex-alunos é que nos incomodava, enquanto estudantes, que quem vive aquele lugar tem a real dimensão da importância do curso e da FFP, e quem está de fora não compreende isso. Isso nos incomodava muito. Incomoda ainda a todos nós. E quando a gente passou a trabalhar – e nós trabalhamos, eu trabalhei, em diversas escolas —, a gente convivia com os colegas que tinham se formado na FFP e sabíamos da qualidade da formação deles. Era brilhante, era maravilhoso o trabalho que se fazia. Pessoalmente, ainda existe uma ligação adicional com a instituição, já que grande parte da minha família estudou na FFP, pelo menos os da minha geração. Então para muitos familiares meus, que hoje em dia já não estão vivendo o cotidiano da FFP porque se formaram e estão atuando como docentes, eu viro uma espécie de porta-voz sobre o que está acontecendo na FFP, porque ex-aluno não abandona a FFP nunca. Então reunião de família é quase uma prestação de contas: como está a FFP, como está lá, como estão acontecendo as coisas. São muitos, muitos ex-alunos, de cursos diversos. Quando a gente volta para lecionar na FFP, o nosso papel é mais do que manter a qualidade, é tentar entender essa discrepância em relação à visibilidade, entender esse processo. Especificamente na minha área, estudar educação em Matemática não era possível no Rio de Janeiro naquela época, quando eu me

formei. Então a gente precisava sair do estado. Olha quão grave isso era. Tínhamos que sair para fazer mestrado e doutorado, não só da FFP, mas até do estado. Para permanecer no Rio de Janeiro, tínhamos que migrar, por exemplo, para Matemática Aplicada ou outras, como aconteceu com muitos de nós. E isso foi importante também, sabe? Porque deu essa dimensão sobre para onde a gente pode ir com o ensino de Matemática. Quando a gente sai, além de entender as outras instituições, e ir para diferentes ramos de Matemática, de áreas do ensino, enfim... a gente compreende os rumos que se pretende seguir quando se começa a falar de metodologia ativa, de STEAM¹³, de modelagem matemática no ensino. Isso para a gente é muito natural, porque nós fizemos esse movimento. A gente fez licenciatura em Matemática e foi para a Matemática Aplicada. Então a gente olhava tudo aquilo já com esse olhar, de pensar o currículo e as metodologias, porque a gente era professor de Matemática naquela época. Então é natural agora fazer o movimento inverso, né? É imediato relacionar o ensino e a aprendizagem com o que está acontecendo no mundo hoje, com a Inteligência Artificial, o Chat GPT, o papel da Matemática diante da cultura digital. Esses dois universos não andaram em paralelo, eles andaram juntos. A gente fez isso juntos. Acho que quando a gente fala — essa parte eu tô lendo aqui repetidamente — “o lugar dessa instituição no cenário regional” dava para falar muito. Porque eu acho que, por mais que a gente aqui fale que viveu e que vive isso, hoje a gente tem projetos em várias escolas da região e conhece estudantes da região e sabe que incentivar a inscrição no vestibular da UERJ é um trabalho sem fim de fazer um monte de gente estudar, principalmente agora depois da pandemia. Nós sabemos que esse pode ser um divisor de águas na vida de muita gente. Eu nem sei a quantidade de gente que eu já inseri na FFP ao longo desse tempo [risos]. Mas, “qual é o lugar no cenário regional?” É muito difícil descrever, porque faz parte da gente. É até perigoso, porque a FFP é tão parte da gente — eu entrei na FFP aos 17 anos como estudante —, é tão parte da minha vida que tem que tomar cuidado com as relações de trabalho, né? Porque as coisas se misturam tanto que chega a ser perigoso. As relações familiares, as relações de trabalho ficam todas meio misturadas ali no espaço e no tempo. E as sensações... sentir o cheiro... Eu lembro até hoje quando voltei como professora do cheiro da FFP. Olha que louco, né? Quando você volta aquilo te leva para lugares tão familiares... o bom é que me levou para um lugar de conforto, não foi traumático, né? Não foi ruim. Foi um lugar de conforto. E isso dá um pouco a dimensão do que é para a gente estar ali. E a gente conversa sobre isso com os alunos e os ex-alunos e eles expressam o mesmo. Eles têm as mesmas sensações que a gente descreve. O projeto Vozes¹⁴ faz esse movimento de resgate, de escuta, e a gente ouve as mesmas coisas: como eles

¹³ STEAM é uma sigla em inglês que significa Science, Technology, Engineering, Arts and Mathematics (Ciência, Tecnologia, Engenharia, Artes e Matemática, em português).

¹⁴ Núcleo de Pesquisa e Extensão Vozes da Educação – FFP/UERJ.

se importam, como eles fazem perguntas da estrutura do curso, sabe? Quando nos encontramos, os ex-alunos perguntam, questionam sobre o currículo, a estrutura, a formação continuada e sobre as pessoas. E isso é importante, essa ligação que a gente tem, essa responsabilidade que a gente tem em relação à FFP e as relações que construímos.

Rosimeri: Agora eu fiquei curiosa de saber qual é o cheiro da FFP, depois você fala um pouco mais. Mas vamos ouvir o Glauber e depois o Rui.

Glauber Almeida de Lemos: Bom, gente, boa tarde. Deixa eu me apresentar, né, já que foi pedido que a gente se apresentasse, achei que as pessoas acabariam esquecendo. Bom, Glauber Almeida de Lemos, do departamento de ciências. Não ingressei aqui como aluno, nem tenho tanto tempo quanto o Max de FFP, como aluno e docente, acho que como a Priscila também, talvez o Rui... e nem me falem da Mariza e da Ana Lúcia Pinto Considera. Mas eu entrei aqui em 1997, exatamente há 26 anos atrás, um pouco mais da metade da vida da FFP. Na época, antes de ingressar aqui, eu era colega da professora Ana Maria de Almeida Santiago lá na Escola Técnica Federal de Química¹⁵ em Nilópolis, na Uned de Nilópolis, né, Ana? Éramos colegas lá. Eu como substituto na época. Eu conhecia pouco da FFP. Na verdade, Priscila, eu também me considero gonçalense, vivi boa parte aqui em São Gonçalo dos meus 12 aos 24 anos, passei minha vida aqui e, de fato, conheci a FFP como Faperj também. Só que Faperj para mim era Faculdade de Formação de Professores do Estado do Rio de Janeiro. Isso era Faperj. Não existia Faperj, agência de fomento. Então para mim Faperj é essa daqui, era o que eu sabia, né. Assim como a Priscila falou, eu pouco passava por aqui, uma vez que eu usava mais a linha ali da Rua Dr. March, então de vez em quando eu passava por aqui, e conhecia também porque tinha uma tia que fez Matemática, estudou Matemática aqui. Inclusive faz pouco tempo que se aposentou da rede e gostava muito daqui, tem uma história muito legal daqui. Bom, eu entrei aqui... eu sou da área da biologia, então vocês imaginam. Biologia tem muitas caixinhas, as áreas são bem específicas. Eu sou oriundo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde eu fiz o mestrado e terminei a graduação na Universidade Gama Filho e quando eu chego aqui já me assusto com a realidade da FFP pelo fato de estar tudo junto e misturado [risos]. Essa característica que move essa unidade aqui e acho que vai um pouco nessa linha da pergunta de “quem educa o educador” acho que essa questão dos alunos aqui eles têm uma participação muito ativa em todos os cenários. Você tem essa questão da aprendizagem ativa que há muitos anos vem sendo desenvolvida na unidade, então acho que isso, de certa forma, contribuiu bastante para que a gente como professor e educador aprendesse diariamente.

¹⁵Com a criação, em 2008, dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, as antigas Escolas Técnicas Federais foram incorporadas ao novo modelo. A Escola Técnica Federal de Química de Nilópolis integra atualmente o Campus Nilópolis do Instituto Federal do Rio de Janeiro.

Eu também aprendi muito, eu aprendo muito, né, desde a época que eu entrei aqui. Então imagine vocês vindo de um curso, de uma área que é extremamente específica, na qual eu por exemplo, me formei, fiz o mestrado na época que eu cheguei aqui eu terminei o mestrado em microbiologia e chego numa realidade que sequer existia essa disciplina para ser lecionada. Então eu tive que me adaptar à realidade do departamento, do curso... enfim, eu me adaptei super bem, tanto é que depois acabei virando... me tornei, né... subchefe, chefe do departamento e acabei ingressando e engrenando no lado administrativo da unidade. Mas acho que essa questão de quem educa o educador com certeza os nossos alunos nos ajudam muito nisso. Então eu acho que por enquanto fico com essa resposta, Rosi e Conceição. E, aliás, muito obrigada pelo convite, acho que é uma ótima iniciativa, viu?

Rui Aniceto Nascimento Fernandes: Pronto, agora sou eu, né? Então que bom que o Glauber lembrou que a gente tem que se apresentar, então deixa eu fazer minha apresentação formal. Eu me chamo Rui Aniceto Nascimento Fernandes, sou oriundo do curso de História do Departamento de Ciências Humanas, ingressei na FFP também em 1997. Priscila quis se envaidecer dizendo que entrou com dezessete anos... olha, eu também entrei com dezessete anos, tá, Priscila? E fui aprovado no vestibular com dezesseis e a matrícula com dezessete. Vou disputar aqui [risos]. Então, as questões que a Haydée traz para a gente são questões que ela colocava a todo momento na sua prática docente e de pesquisa. Eu lembro quando a Haydée foi aprovada no doutorado e ela dizia: “para mim é uma coisa interessante e emblemática completar cinquenta anos e entrando no doutorado, tudo junto, uma coisa assim, legal”, então ouvir as frases me fez rememorar as conversas com ela nesse sentido. E a Haydée sempre tinha uma preocupação com o registro dessa memória que eu acho que é um pouco o mote dessa conversa aqui, esse registro das nossas memórias da FFP, da nossa Faculdade de Formação de Professores. Eu vou me ater mais à pergunta do lugar que essa universidade ocupa no cenário regional, em especial o local, que foi o que a Priscila falou. Eu fiz o vestibular para a FFP escondido dos meus pais. Porque a minha mãe é paraibana e meu pai é angolano. Sai de Angola durante a Guerra Civil, logo depois que se instala a Guerra Civil pós independência e a família vai para Portugal, depois vem pro Brasil e daí o angolano e a paraibana se conhecem em Niterói. Duas pessoas muito simples, que não tiveram a instrução... não avançaram, né? Meu pai só teve o que equivale hoje ao Ensino Fundamental. Minha mãe chegou a concluir o Ensino Médio, mas também nunca teve interesse em ter continuidade. Então na época em que o filho tinha que escolher a profissão, tinha que fazer a faculdade, o que se espera é que o filho vai escolher uma das profissões reconhecidas, né? Aquela coisa. A gente está se sacrificando para dar instrução. “Qual é o vestibular que você vai fazer, vamos pagar”. E aí pagaram o vestibular para Direito na UFF. E eu, com o dinheiro da merenda, escondido, paguei o da UERJ que eu não tive como pedir isenção naquela época. Então foi assim. E eles só

ficaram sabendo que eu fui fazer vestibular por causa da segunda fase, que não era em São Gonçalo, que eu tinha que ir pro Maracanã, fazer a prova lá no Maracanã. E eu não saía de São Gonçalo, não sabia andar, alguém tinha que me acompanhar e eu tinha que dizer o que eu ia fazer, né? Aí foi aquele fim do mundo, “vai passar fome, vai ser professor e vai passar fome”. E aí em 1987 eu começo então o curso aqui também com essa marca de ouvir falar da Faperj. As referências eram Faperj. Acho que hoje já não é tão mais Faperj, só na memória dos mais antigos. Acho que hoje já conseguimos firmar a Faculdade de Formação de Professores, a FFP. As pessoas podem nem saber o que é FFP, mas sabem que a sigla é FFP. Eu acho que nisso hoje a gente teve esse mérito.

Mariza de Paula Assis: Vulgo a UERJ São Gonçalo.

Rui Aniceto Nascimento Fernandes: Ou a UERJ São Gonçalo, né? Mas eu entrei num curso que ele estava, né, ali na década de 1990, e eu fui me dando conta de várias coisas a partir dessa experiência no curso. Ali na década de 1990 o curso de História estava em processo de transformação. Antes já havia ocorrido a separação dos departamentos de História e Geografia, o fim da licenciatura curta, o desmembramento dos departamentos, mas o primeiro concurso que foi feito para a FFP após incorporação à UERJ foi esse que a Ana falou, que a Ana Maria de Almeida Santiago fez e entraram Márcia Gonçalves e Daniela [Bueno Calainho]. Isso em 1993. E depois, em 1995, teve uma outra leva de concursos que entraram uma série de professores e aí hoje eu trabalho com todos os meus ex-professores. Pouquíssimos saíram, a não ser aqueles do quadro mais antigo, aqueles que são oriundos do departamento de Estudos Sociais. O último acabou de se aposentar, o professor Emílio Maciel Eigenheer. Mas do departamento antigo, o Emílio Eigenheer, a Lizete [Lizete Scalzilli da Silveira]...

Mariza de Paula Assis: Eliane [Eliane Riffald de Almeida Ribeiro], Dalva [Dalva das Graças Fernandes de Sá]...

Rui Aniceto Nascimento Fernandes: Eliane eu não fui aluno dela, quando eu fui fazer Cultura Brasileira ela se licenciou. E Dalva eu conheci não na FFP, mas na Biblioteca Pública de Niterói. Eu fui estudante do Liceu, então eu ia à biblioteca, fiz carteirinha e pegava lá livros emprestados e a Dalva era do setor de empréstimos, então conheci Dalva antes de entrar na FFP. Mas esses concursos da década de 1990 começaram a imprimir um outro ritmo no curso, que era o seguinte: quando eu entrei na FFP, para mim fazer História era dar aula de História, eu entrei para ser professor. Gostava da disciplina, queria estudar a disciplina e queria ser professor de História. E esses novos professores que ingressaram um pouco antes de mim estavam começando ali em 1996 a criar os núcleos de pesquisa e seus laboratórios, então eu fui aprender que eu podia fazer pesquisa, que eu não sabia que isso fazia parte da formação. Para mim eu ia ser professor. E aí eu aprendi no curso esse aspecto da pesquisa e

aprendi que fazer pesquisa faz parte de ser professor. Eu acho que a FFP tem essa marca. Nós não abandonamos a pesquisa, nós não abandonamos a docência em prol de um ou outro. A gente constrói essas duas dimensões que são os pilares da universidade junto com a extensão, o ensino e a pesquisa, sendo que a gente aprende que essas coisas podem ser casadas e não dissociadas. E isso fui aprendendo na graduação. No momento que eu ingressei no grupo de pesquisa sobre História Local a nossa preocupação em estudar história local sempre teve essa dimensão de produzir um conhecimento que pudesse ser apreendido, levado para as escolas, debatido com os professores, sempre um pouco nessa prática. E aí isso foi essa marca. Foi o que veio marcando minha trajetória. Eu faço hoje o que aprendi lá, 25 anos atrás, 26, né, a gente vai estimulando nossos alunos a entenderem que ensino e pesquisa vão juntos. E extensão, né, essas coisas estão todas juntas. Ver a transformação do curso também me fez acompanhar a transformação do campus. O Max estava falando do prédio principal e como é que era o de trás, que só tinha a cantina, não sei o que... A FFP hoje é muito diferente do que já foi. O nosso cenário, a nossa paisagem é muito diferente. Eu tive aula numa daquelas salas que era das antigas oficinas, que dava lá pro morro, e numa aula tinha um cavalinho que colocava a cabeça lá, naquelas portas de meia, né, e numa das aulas colocou lá. Uma aula de Célia [Célia Cristina Tavares da Silva], História Medieval do Oriente. O cavalinho foi lá assistir aula com a gente também. Teve uma outra que foi uma família de porquinhos ali passando também.

Ana Lúcia Pinto Considera: Teve os bodes...

Rui Aniceto Nascimento Fernandes: Os bodes aí eu ficava mais longe.

Mariza de Paula Assis: E as vacas, né, Ana Lúcia Pinto Considera. E as vacas que ficavam lá na frente e tal...

Ana Lúcia Pinto Considera: Muitas [risos].

Mariza de Paula Assis: E as vacas, tinham vacas também.

Maxmilliano Torres: Agora, Rui, dá para escrever um artigo ou então um conto sobre isso, né. Bem propício. Na aula de Medieval o cavalo põe a cara na porta.

[Todos riem]

Rui Aniceto Nascimento Fernandes: Ótimo, né? Eu falo isso pros alunos lá que estão começando quando eu dou Laboratório I e os alunos ficam assim: “como isso?”. É, gente, não é invenção, não é. A gente sabe disso. E assim, foi interessante também ver essa transformação, o envolvimento dos professores da unidade com a unidade nesse processo de transformação, por tudo que foi.

Nada veio de mão beijada, né, Mariza? Mariza foi a diretora quando eu estava acabando e que assinou meu Proatec¹⁶.

Mariza de Paula Assis: Dois anos. Dois mil. Você estava fazendo Proatec e pesquisa História de São Gonçalo.

Rui Aniceto Nascimento Fernandes: É. Então assim, a gente sempre viu o envolvimento dos professores numa qualificação pessoal, profissional, porque assim: os meus professores tinham entrado quase todos com mestrado e começaram a fazer um doutorado, então foi um processo de qualificação. Ali durante o curso eu fui à defesa da Daniela, por exemplo, da Célia, que foram minhas professoras. À defesa de doutorado, né, eu como aluno fui lá assistir para saber o que era isso também, né, para ver se dava para eu fazer em algum momento. Então também tinha um pouco isso. E ao mesmo tempo que essas pessoas encontraram ali o seu lugar institucional, profissional, elas foram se envolvendo e se dedicando a correr atrás dos financiamentos, dos recursos, brigar internamente para que o espaço também pudesse atender esse projeto que é o projeto da formação de professores. Da formação de professores nessa dinâmica do ensino e da pesquisa fortemente que é a marca. Bom, vou parar por aqui porque senão a gente vai contando um monte de causos, mas depois a gente retoma.

Rosimeri de Oliveira Dias: E esses causos são sempre muitos, né, Rui? Porque eu fui substituta na FFP em 1998. Eu fui aluna de graduação, fiz minha graduação na UERJ Maracanã. Então, eu também sou cria da casa, vamos brincar assim. E meu concurso é de 2001. Naquela época, quando eu conheci a FFP, o território da FFP só tinha o primeiro bloco. E a cantina e a biblioteca, né, porque a biblioteca já existia também. Então isso que você traz para a gente aviva, de alguma maneira, o corpo coletivo de um trabalho que a gente faz na FFP. Para além do espaço físico e da própria transformação do espaço físico e tudo que compõe isso aí que a gente chama de território, as disputas, enfim, mas tem uma certa preocupação de constituir essas racionalidades também mais sensíveis de pensar a unidade e constituir um corpo coletivo para ampliar a unidade e discutir a unidade e seguir pensando esse espaço de formação. Inventando mundos também. Materialmente, nesses meus mais de 21 anos de FFP, eu fui vendo a FFP sendo inventada, brincando aqui com vocês e falando. Vai, Ana Maria de Almeida Santiago, levantou a mão...

Ana Maria de Almeida Santiago: Uma coisa que me chama atenção: uma das nossas preocupações na gestão foi evitar descaracterização do espaço. Porque quando a gente começa a pensar na possibilidade de comprar o terreno, uma das oposições da prefeitura era que dizia que tinha muito espaço para construir

¹⁶ PROATEC - Programa de apoio técnico às atividades de ensino, pesquisa e extensão.

na FFP, que nosso terreno tem muito espaço para ser ocupado. E a gente via um pouco que ocupar o espaço que a gente tem no terreno original era, de alguma forma, descaracterizar esse ambiente que todo mundo reconhecia como afetivo, aprazível, agradável. Então essa preocupação de manter essas características, embora a própria [unidade] tenha essa história, mas também não devastar ela toda com as ideias da prefeitura de botar prédio em tudo que é canto e tornar tudo árido, sem uma beleza. A gente fica muito assim... eu fico muito emocionada de ver os alunos postando pôr-do-sol, postando o jardim, postando a grama, né, aquela foto tradicional no UERJ, na logo... Tem um apego a isso tudo que também faz parte da construção do espaço. E aí o Rui estava falando o negócio do cavalo, quando eu fui fazer o segundo concurso para a FFP eu cheguei na FFP e tinha um cachorro com bicheira. Maria José que foi comigo fazer a inscrição fez eu sair, comprar mata-bicheira, não sei o que lá não sei o que lá... quer dizer, eu nem era professora da FFP e já estava tomando conta dos cachorros da FFP! Não pude imaginar que eles iam virar os cachorros da dona Ana. Os cachorros da professora Ana. Tenho que desfazer isso, porque a professora Ana vai embora e os cachorros vão ficar.

Rosimeri de Oliveira Dias: Ai, muito bom! Mariza levantou a mão, mas acho que depois de Mariza, o que você acha, Ana Claudia, falar? Somos três Anas aqui.

Ana Claudia Ramos Sacramento: Fica tranquila, a conversa é tão boa que eu estou ouvindo.

Mariza de Paula Assis: Não, eu só ia falar que quando você aponta, Rosi... você não, foi mais o Rui que apontou a questão dos concursos e ele vai mudando o perfil da unidade, os concursos [docentes] efetivamente começam em 1991, quando entra, se não me engano, Claudio Nilo e tinha mais alguém que eu não me lembro quem é e era da História... que entra nesse ano também, né. Mas o que a gente vê depois que acontece é que a própria unidade começa a se transformar, transformar de um ponto de vista de território, para poder abrigar essa diversidade. Ana [Lúcia] deve lembrar como é que a gente começou a fazer. Acho que foi até um pouco antes que a gente começou a tirar os laboratórios de Física e Química, que eram ali no Bloco B, para transformar nos laboratórios de ensino. Aquele do lado do Bloco B que era a sala de Educação Física, era a sala de... que tinha aquela salinha lá atrás, as oficinas... e vão se transformando em espaços para poder dar desenvolvimento de projetos, atividades, para poder abrigar os departamentos porque os departamentos estavam crescendo e com uma demanda efetiva desse lugar de reunir-se para desenvolver seus projetos de pesquisa. Aí em 2000 que eu acho que é o ano que eu era da direção e tem um desenvolvimento grande. Aí vem uma carga maior de concursos [docentes], foi quando a gente conseguiu uma leva de concurso significativa. Lembro que no departamento de educação em um concurso, se eu não me engano, foram sete

vagas de uma vez só. Você fez o concurso para psicologia, aí foram duas vagas, se não me engano. Filosofia. Teve qual? Teve para tudo. História teve concurso para tudo, Geografia teve concurso... então foi uma leva e a segunda vez que acontece isso já é em 2015, mas aí a unidade já mudou muito no seu perfil. Ela vem se transformando cada vez mais como esse polo de produção científica, se consolidando como uma unidade dentro do Leste Fluminense que produzia em todos os campos que ela dialogava. Eu acho que isso é emblemático, porque é uma grande virada. A grande virada. Quando a gente fala que a grande virada que a unidade vai mudar e sair daquela cara de escola, de uma característica de escola, para se tornar uma instituição de ensino superior efetivamente, uma universidade. Aliás, nós poderíamos ser uma universidade, quantas vezes discutimos em algumas reuniões o motivo era “porque não vamos nos independer?”. Um movimento de independência. Vamos criar os institutos, sair, né...

Glauber Almeida de Lemos: Universidade do Leste Metropolitano [risos].

Mariza de Paula Assis: É, pois é [risos]. É muita coisa.

Maxmilliano Torres: Mariza, essa mudança de perfil... quando eu cheguei na Letras a gente já tinha muitos professores que estavam fora, já fazendo doutorado. Maria Alice [Maria Alice Pires Cardoso de Aguiar], Darcília [Darcília Marindir Pinto Simões], tava todo mundo fora e depois foram retornando. Então assim, na metade do curso é que dá, olhando para trás, para perceber essa mudança. Porque aí a gente começa a ter bolsa para além da bolsa de monitoria. Bolsa de iniciação científica...

Mariza de Paula Assis: Isso...

Maxmilliano Torres: Que as coisas vão tomando um corpo diferente daquele corpo que existia, daquela ideia que existia de só se terminar uma graduação e o caminho ser só a sala de aula. Como também se a sala de aula desobrigasse a fazer pesquisa. Mas é nesse momento que eu acho que tem essa virada epistemológica mesmo desse perfil, que vai mudar.

Ana Maria de Almeida Santiago: E hoje eu acho que a gente tem um desafio a enfrentar, que é um pouco inverso. Porque agora, por causa da própria exigência e de como as coisas funcionam hoje, as pessoas saem da graduação, fazem mestrado e doutorado. A leva que está chegando na FFP é uma leva que muitos não tiveram experiência no chão de fábrica, não foram docentes.

Mariza de Paula Assis: Não pisaram na escola.

Ana Maria de Almeida Santiago: Não pisaram na escola. E isso vai ser um desafio para a gente, entendeu? Porque...

Maxmilliano Torres: Porque não há uma discussão. A gente tá formando um grupo que vai entrar na sala de aula e muitos que estão ali não conseguem dialogar nesse lugar do chão de fábrica.

Ana Maria de Almeida Santiago: Acho que esse é um desafio que a gente tem para enfrentar.

Mariza de Paula Assis: Eu acho que também a própria necessidade que a unidade, o tempo e o momento pressionam hoje ela a se repensar também. Repensar para além do que ela já é. Do que ela tem de potência para ir para frente. Essa história mesmo de quando você resgata o movimento dos professores que conseguem construir o Bloco C, aquela coisa daquele movimento todo ali... como é que isso pode hoje transformar, para além de só criar um espaço físico para a consolidação de uma pesquisa, mas para se transformar no que podemos estar oferecendo para essa sociedade aqui, onde nós estamos inseridos, entendeu? Para além disso, eu acho que é uma discussão que a gente vem fazendo, vem pensando, de quanto nós temos que pensar que nós estamos num outro lugar, né? Que sempre foi do CA [Centro Acadêmico] [risos].

Ana Maria de Almeida Santiago: Deve estar uma alegria de ver o que é hoje...

Mariza de Paula Assis: De tristeza [risos].

Maxmilliano Torres: Passo nem na porta [risos]...

Mariza de Paula Assis: E ver esse caminho, por exemplo, que Rui trilhou, para mim foi um caminho maravilhoso. Ele sai da graduação, ele entra num projeto de pesquisa logo depois com Luís Reznik, depois ele vai para o mestrado. Acho que você é uma das primeiras turmas do mestrado daqui nosso, não é? Ou você [fala interrompida pela gravação]

Rui Aniceto Nascimento Fernandes: Não, eu não tinha mestrado aqui ainda. Eu fiz na UFF¹⁷ o meu mestrado, doutorado eu fui para a PUC-Rio¹⁸. O mestrado na FFP só começou...

Mariza de Paula Assis: Dois mil e nove.

Rui Aniceto Nascimento Fernandes: Então, não, foi antes.

Mariza de Paula Assis: Então, o mestrado foi 2009 do PPGHS.

¹⁷ UFF - Universidade Federal Fluminense.

¹⁸ PUC - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Glauber Almeida de Lemos: Não, eu acho que é antes, Mariza.

Mariza de Paula Assis: É antes?

Glauber Almeida de Lemos: Dois mil e seis já tinha já.

Rosimeri de Oliveira Dias: Acho que 2009 é o PPGEduc¹⁹, da Educação.

Mariza de Paula Assis: É, da Educação, tem razão. História já tinha. Mas você e aquele outro menino que trabalharam muito com o Sandro...

Rui Aniceto Nascimento Fernandes: Henrique [Henrique Mendonça da Silva].

Mariza de Paula Assis: O Henrique, nossa! Que... era um barato! Quem já entrava em projeto de pesquisa, professor, já ia enfiando o pé, já ia entrando, circulando, né.

Rui Aniceto Nascimento Fernandes: E nós dois, eu e o Henrique, a gente foi pelo projeto de pesquisa, mas a gente foi para a sala de aula, né? Nós corremos, fizemos os nossos concursos. Eu fiz um concurso pro município do Rio [de Janeiro]... os meus primeiros concursos morando em São Gonçalo foram um no município do Rio [de Janeiro] e outro em Rio Bonito, olha só! E sem carro, né? Isso é coisa que a gente faz com vinte anos. E aí era uma ponta a outra, né? Tinha dia que eu saía de Rio Bonito para fazer aula na UFF e voltava para a FFP para fazer alguma coisa do PROTEC... era aquela loucura! Mas eu acho que isso era uma marca daquela formação, a gente se via como professor. Então os meus colegas todos foram fazer concursos para tudo quanto era lugar, então tem colegas meus que estão em Cabo Frio... são professores da rede. Da rede municipal e estadual. Tem gente em Cabo Frio, tem gente que tá no Rio [de Janeiro], mas no Rio ele foi para Campo Grande²⁰, gente, quase não é Rio mais. Então depois saiu o de São Gonçalo e fui morar lá porque ficar quatro horas no trânsito para ir e quatro para voltar não dava, né? E foi um pouco isso, as pessoas também foram se espraiando por aí e muitos foram seguir esse caminho da especialização e outros não. Outros são excelentes professores onde estão, em Rio Bonito, Cabo Frio, no Rio, no estado, aqui em São Gonçalo... eu tenho um colega que eu digo que ele é mambembe. Deu aula em Itaperuna, Macaé, não sei o quê, até conseguir chegar mais próximo. Então tem isso, sabe? Acho que essa foi uma marca que a gente imprimiu na faculdade. Eu acho que de certa forma, a gente até hoje imprime essa marca na formação dos nossos alunos. Esse perfil que a Ana vem falando, acho que vem acontecendo pela própria dinâmica que leva não só os nossos, mas em outras universidades. As

¹⁹ PPGEduc - Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais.

²⁰ Campo Grande é um bairro localizado na Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro e fica a 55 km do Centro da Cidade e tem uma área total de 119 km².

peças estão ingressando muito rápido. Estão indo pro mestrado, doutorado e vai fazer o concurso, entra, vai dar aula sem ter ido para a escola, vivendo de bolsa durante um tempo e tal. É um pouco isso, né? O próprio processo de expansão da universidade nos últimos anos e de especialização, acabou gerando um pouco esse movimento. A gente hoje precisa, sim, pensar como a gente consegue casar essas coisas para não se dissociarem.

Maria da Conceição Calmon Arruda: Só para dar um esclarecimento: vocês falaram do Henrique, é o Henrique Mendonça que teve bolsa?

Rui Aniceto Nascimento Fernandes: Isso.

Maria da Conceição Calmon Arruda: Ele também é citado no livro da Haydée.

Mariza de Paula Assis: Olha só: boa parte do material que a Haydée produziu, recolheu, ainda tá na FFP, gente. Tem que pegar aquilo ali e dar o tratamento certo. Principalmente porque daqui a pouco aquilo ali vai mudar tudo, né? Ele tá embaixo da biblioteca, no Palácio de Cristal.

Maxmilliano Torres: Fora o que tá no armário da Ana Lúcia Pinto Considera, aquele caderno com aquela letrinha redondinha das atas, da formatura [risos].

Mariza de Paula Assis: É verdade [rindo].

Maria da Conceição Calmon Arruda: Mariza, deixa eu só pegar carona nesse material que você falou da Haydée... no livro da Haydée ela fala de uma disputa do terreno da FFP como sendo da Faperj.

Mariza de Paula Assis: Sim.

Ana Maria de Almeida Santiago: A gente fica aqui, mas a UERJ não recebe a propriedade do terreno. Demora muito para ter a propriedade do terreno.

Glauber Almeida de Lemos: Foi só em 2004 para 2005 que a Faperj transfere definitivamente o terreno para a FFP, para a UERJ.

Mariza: É, para a UERJ. Porque até 2004 o terreno pertencia ainda à Faperj.

Glauber Almeida de Lemos: Isso, exatamente.

Mariza de Paula Assis: Que na realidade é aquela história toda: todo esse terreno que pegava não só aqui, mas o Colégio Estadual Walter Orlandine, a Apae, os dois CIEPs, tudo isso aí na época que foi a fusão (1975) de quando veio o [primeiro] governo Brizola, a Faperj abarca tudo isso, entendeu? Aí depois é que começa a separar. E aí ficou. Esse terreno todo aqui era Faperj até 2004. Agora é UERJ.

Maria da Conceição Calmon Arruda: Então a memória dos antigos tá certa quando a Priscila fala que se referia como Faperj, né.

Glauber Almeida de Lemos: O nome Faperj, é.

Mariza de Paula Assis: Sim, porque o quê que acontece: até pensar que na Faperj tinha uma faculdade... ou era Faperj ou era Cetrerj²¹. Que Cetrerj era o nome que tinha aqui antes da fusão. Que era o Centro de treinamento do Estado do Rio de Janeiro. Do antigo Estado do Rio de Janeiro. Quando as pessoas se referiam aqui pensavam como se fosse Cetrerj e aí quando a Faperj na fusão assume, a faculdade se perde nessa coisa, fica sendo a Faperj, entendeu?

Glauber Almeida de Lemos: Até porque, Mariza...

Mariza de Paula Assis: Para a faculdade virar faculdade do estado de professores, como o Rui falava.

Glauber Almeida de Lemos: Do estado do Rio de Janeiro.

Mariza de Paula Assis: É, do Rio de Janeiro [risos].

Glauber Almeida de Lemos: Porque para o gonçalense, para o cidadão comum, Faperj agência de fomento não fazia sentido nenhum. Então as pessoas conheciam Faperj aqui de São Gonçalo, aqui no Patronato, aqui era Faperj, “Faculdade de Professores do Estado do Rio de Janeiro”.

Ana Lúcia Pinto Considera: Até porque foi quando teve o Complexo Educacional de São Gonçalo. Que aí também quando veio [o Colégio Estadual] Tarcísio Bueno, [o Colégio Estadual] Walter Orlandine... eram as mães daqui de perto que traziam as crianças. Aquela loucura daquelas crianças [risos] nos corredores misturadas com os alunos, vinham tudo para a Faperj. Essas crianças começaram a difundir isso. Estudavam na Faperj. Daí um pouco a FFP ficava com essa coisa do Complexo, com esse nome mesmo, assim. Nós sabíamos desse nome. Teve até papel timbrado “Complexo Educacional de São Gonçalo”, mas eram mais as crianças... eu acredito que foi muito difundido por isso, eram crianças do [o Colégio Estadual] Tarcísio [Bueno] — até mais do Tarcísio do que do [o Colégio Estadual] Walter [Orlandine].

²¹ A Fundação Centro de Treinamento de Professores do Estado do Rio de Janeiro (Cetrerj) foi criada em 1971 e tinha entre seus objetivos a formação continuada dos professores da rede estadual de ensino. Com a fusão dos Estados do Rio de Janeiro e da Guanabara, em 1975, a Fundação Cetrerj é extinta. A FFP, que era vinculada administrativamente à Fundação Cetrerj, após a fusão é subordinada à Fundação Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos da Educação e Cultura (CDRH). De 1980 até 1987 a FFP esteve vinculada a Faperj.

Mariza de Paula Assis: Não, do Walter não vinham para cá porque o Walter já estava bem aqui do lado, entendeu?

Ana Lúcia Pinto Considera: É, era mais Tarcísio.

Mariza de Paula Assis: Todos os alunos iam atuar para fazer o estágio para a formação. Que o Walter Orlandine, como colégio de segundo grau, era um bom espaço para formação dos nossos alunos aqui.

Ana Lúcia Pinto Considera: Até servidores nossos foram para lá.

Mariza de Paula Assis: É, desenvolviam projeto de educação e saúde lá com eles, imagina. É, muita coisa mesmo. A preocupação era “cuidado com essas crianças nas escadas!”. Na sala de aula, as cadeiras pequenininhas... daqui a pouco vieram as carteiras, aquele monte de carteiras. Ainda tem algumas aí, vira e mexe encontram alguma. Aquelas carteiras compridinhas, mais baixinhas. De vez em quando encontram umas no meio do caminho.

Ana Maria de Almeida Santiago: Imagina o que...

Ana Lúcia Pinto Considera: Tinham turmas à tarde, que aí se confundiam aqui no segundo andar. Vamos botar assim: era uma turma da faculdade no meio. Vamos supor: na [sala] 244 da faculdade, aí a [sala] 229 era criança, a [sala] 236 era criança, a [sala] do outro lado era criança... as crianças correndo e os alunos da faculdade tinham o curso da matemática à tarde também. Acho que era Matemática e Biologia. Então era misturado. Foi bem confuso.

Ana Maria de Almeida Santiago: Eu tava falando... Mariza falando das crianças, né, e eu entro pro CAP [UERJ] como contratada dando aula no [campus UERJ] Maracanã, com aquelas rampas sem proteção.

Mariza de Paula Assis: Lembro disso, quando o [campus UERJ] Maracanã assumiu a criançada porque o Colégio de Aplicação [da UERJ] teve problemas. Aquilo dali era uma doideira.

Ana Maria de Almeida Santiago: Nossa senhora, doideira. Doideira!

Mariza de Paula Assis: Ficou ali no quarto andar, se não me engano. Quarto e quinto andar e [do Pavilhão Reitor João Lyra Filho]...

Ana Maria de Almeida Santiago: Sei lá, eu sonhava com aquelas crianças varejando aquela rampa, saindo correndo e indo embora lá para baixo. Horrível aquilo. Mas Max estava falando dessa questão também dessa apropriação que a gente tem de [que] boa parte da nossa rede [pública municipal de ensino] de São Gonçalo é formada por nós. E acho que isso aí tá consolidado, não tem nem mais muita discussão. Eu venho me preocupando muito com caminhos que nós

podemos seguir, porque acho que nós fizemos o percurso da unidade. O percurso que consolidou: o ensino, a pesquisa e a extensão, mas a gente tem ainda um trabalho muito forte para fazer em termos da ação do território. Política dentro do território. Eu acho que a gente vai precisar se associar a esses movimentos sociais de cultura. Movimentos sociais, mas especialmente de cultura para a gente se tornar um polo, a frequência, né. Para a gente romper com essa lógica da cidade dormitório, que confina culturalmente seus habitantes. Acho que a gente tem muito a fazer nesse caminho, que eu acho até que é um caminho de empoderamento do gonçalense. Ele só vai se libertar dessa política local se empoderar, né, Rui e Priscila? Porque é muito difícil. Eu acho que a gente ainda trabalha com dois... uma política tradicional e um território muito neopentecostal, são duas questões que a gente vai ter que enfrentar. Que essa instituição vai ter que dar uma forma, o seu testemunho para enfrentar esse quadro, essa conjuntura que a gente vive hoje. E como dialogar, porque a gente tá tendo muita dificuldade de dialogar com essas realidades, entendeu? Como uma instituição vai poder lidar com isso.

Ana Lúcia Pinto Considera: Agora, Ana [Santiago], você falando sobre isso: teve uma preocupação que eu tenho também como falar da política aqui, mas a política na UERJ também. Porque por exemplo... a faculdade, vestibular, o vestibular nosso não está crescendo, ele está diminuindo. E a gente vê as turmas do segundo semestre quase vazias e entrando o pessoal do Enem. Aí quando abre vagas remanescentes entra um público grande do Enem. Aí vejo essa transferência... que incomodou tanto essa transferência externa e aproveitamento de estudos quando fala assim... eu cheguei a comentar com você, de que alguém do Maracanã falou assim: “foi um sucesso” e não foi! Aqui na FFP quando se fazia esse concurso de transferência externa, cada unidade que fazia a sua, era um sucesso. Eu via o sucesso. Eu via quantas pessoas entravam, para Pedagogia principalmente. Assim, era um sucesso mesmo porque a forma de avaliação cada curso fazia de uma forma. Cada curso tinha seu critério próprio e a gente conseguia trazer aproveitamento de estudos e transferência para pessoas que estão sedentas mesmo de vir para a FFP, para vir para cá. E quando a UERJ resolve “ah, o DSEA é que vai fazer essa parte” foi desastroso. Se a gente pegar quantos inscritos tiveram e quantos entraram de fato... e até mesmo na secretaria foi definido assim: eles tiveram dificuldade em fazer a matrícula, do número de matrícula desse pessoal. Eu tinha inscrição aberta aqui e eu não pude fazer porque não tinha matrícula efetivada lá. Sabe, eu tô muito, muito preocupada porque eu tô só falando com professores e eu sou da parte administrativa, eu sempre fui. Então vi, assim, em 1987 ter o último vestibular com o professor Neymar [Neymar Negreiros Brígido] que fez tudo, que a gente tinha 136 alunos e Neymar assim: “ou faz o vestibular ou a FFP fecha” e ele tentou esse vestibular.

Mariza de Paula Assis: Nós fizemos na raça esse vestibular.

Ana Lúcia Pinto Considera: É, foi na raça mesmo. Depois nós só fomos ter vestibular em 1991. Então hoje eu vejo “tá estranho”, mas é um olhar do técnico, da pessoa que sempre trabalhou nessa parte. Então eu tô vendo como se estivesse definhando. Sendo de propósito a diminuição? Eu posso até estar ficando velha... eu tô com 63 anos, então assim, posso estar ficando velha e assim “ah, isso é loucura de Ana Lúcia Pinto Considera”, mas eu tô muito preocupada com isso. Eu acho que tinha que repensar também essa forma de entrada nossa aqui, porque a gente tá vendo que tá diminuindo. E com todos os escândalos, eu posso estar muito errada nisso, mas sei lá, eu tô preocupada. Muito preocupada.

Ana Maria de Almeida Santiago: Acho que tem uma crise das licenciaturas num contexto geral, mas eu acho que tem uma crise muito séria da valorização do magistério. Muita pancada, né, gente? Foram quatro, seis anos de pancada pura, só desqualificação.

Mariza de Paula Assis: Eu acho que tem também que se dar um tempo que a gente veio de um período de...

Ana Maria de Almeida Santiago: Terra arrasada.

Mariza de Paula Assis: Terra destruída. Porque querendo ou não foi a primeira grande crise da universidade em 2016 e 2017, a crise mesmo do Governo do Estado²² junto à universidade e como isso impactou a nossa realidade. Quando se pensou que estava começando a se reestabelecer, vem... nós perdemos muitos alunos nesse período. Até porque as outras universidades também, muitas delas, viram nisso uma oportunidade de se preencherem, porque foi uma crise que estava pegando o estado do Rio de Janeiro. Então muita transferência, muito aluno saindo daqui, e depois veio a pandemia, gente. A gente não pode esquecer que ainda estamos sofrendo um pouco consequências, um rastro desse momento mundial que gera um impacto na realidade de todos nós. Acho até por nós mesmos, podemos parar e pensar, eu tomei consciência das dores do meu corpo na pandemia, gente. Eu não tinha consciência disso. Isso é preocupante, porque mudou a realidade de todo mundo. Como você se via no mundo, como você circulava, como é que você poderia se estar se inteirando e olha o quê que aconteceu... então eu penso isso. Agora penso que temos que fazer, por exemplo, essa questão de transferência eu concordo com você, Ana Lúcia Pinto Considera. Foi muito frágil. Transferência e aproveitamento de estudos: sempre tivemos uma demanda muito significativa e dessa vez foi preocupante.

Ana Maria de Almeida Santiago: Cobrança alta, gente.

²² O Governador nesse período era Luiz Fernando Pezão (abr. 2014-jan. 2019).

Mariza de Paula Assis: Foi feita uma cobrança que ficou esquisita, então... e vamos, nós, né? Seguimos aí porque a gente tem que resistir. Não podemos ficar contando que alguém faça não porque somos nós que vamos continuar lutando por isso daqui.

Ana Maria de Almeida Santiago: Agora de alguma forma a gente... acho que só reforçando uma coisa, a FFP acaba que, institucionalmente, sendo uma unidade propulsora porque ela busca soluções muito próprias. Ela, de alguma forma, critica a institucionalidade da UERJ, porque a institucionalidade da UERJ nos coloca numa situação subalterna, né, Glauber? Não olham para a FFP. Não, seria maldade dizer que não olham para a FFP: não olham para nenhuma dessas unidades externas de uma forma equilibrada, né? Mas a nossa força, a nossa voz, ela é muito grande na instituição como um todo. E como uma unidade que propõe, que cria, entendeu? Que vai gerando assim... de alguma forma isso não saiu do espírito. Aquela universidade, aquela unidade que fez um vestibular à revelia da institucionalidade para se fazer existir continua fazendo diversos movimentos institucionais para existir, para ser reconhecida. Então você vê que agora essa situação como é que a gente fica: sem cantina? O R.U²³, gente, não vai ser licitado esse ano. Não vai dar tempo de ser licitado esse ano. Então assim, a gente fica sem comida nenhuma, aí a solução da institucionalidade é: “escolhe aí um food-truck que eu faço um contrato especial”. Essa é a proposta que foi feita para a gente. Como é que a gente vai escolher uma pessoa para ganhar dinheiro aqui dentro? Para depois ser processada, só pode ser isso. Aí o que a gente faz com isso? A gente pega o movimento social, economia solidária, e bota aqui dentro, vendendo comida aqui dentro. Pega o MST²⁴ e traz, entendeu? Então, assim, acho que, de alguma forma, a gente sempre vai buscando alternativas para os nossos problemas, as nossas situações, que são alternativas sempre muito rebeldes. A gente não aceita nem a facilidade. Porque era muito mais fácil, né, dizer “me dá o food-truck aí”. Porque... quantas reuniões a gente fez, Mariza? Sei lá, umas seis, cinco, para poder trazer o pessoal da economia solidária. Então assim, são movimentos que estão muito no espírito, né. Um movimento que tem o espírito de FFP. E no momento... Max falou aí dos CAs e a gente tá vivendo agora um momento muito difícil nesse sentido porque nós temos um movimento estudantil que foi cooptado por um ente interno com ambições políticas. A gente tá num momento difícil, porque o movimento não se engaja na questão do aluno em si, nas questões do aluno em si. A Ana Claudia está nos ouvindo e tá quietinha...

Rosimeri de Oliveira Dias: É, acho que ela podia dar uma parte, não, Ana?

²³ RU - Restaurante Universitário.

²⁴MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Ana Maria de Almeida Santiago: Até parou, até congelou, tá vendo?

Rosimeri de Oliveira Dias: É.

Ana Maria de Almeida Santiago: Max ia falar alguma coisa.

[Max e Ana Claudia abrem o microfone ao mesmo tempo e falam por cima um do outro]

Ana Claudia Ramos Sacramento: Desculpa, Max.

Maxmilliano Torres: Não, eu só queria... eu só ia reiterar uma coisa, Ana, mas é porque a Mariza lembra muito bem disso. Quando a gente cria os projetos dos CAs era exatamente porque tinha um grupo, quer dizer, o alunado havia crescido, porque 1991 é o primeiro vestibular desde 1987, e aí começa a ter entrada no primeiro e no segundo semestre. Dali começa consecutivamente e não vai parar mais. E aí de um ano para o outro, o número de alunos dobra dentro da unidade. Porque muita gente não conseguia sair, mas estava saindo e de repente vem trinta de cada curso no primeiro semestre, trinta de cada curso no segundo semestre. Só num ano já estava quase o número de alunos que tinha aqui quando a gente chegou. E aí as demandas eram outras. A ideia dos CAs de buscar o lugar e o espaço onde é o miniauditório hoje... ali eram os CAs. Eles começam ali, né? O primeiro CA. Não é nem aquele mafuá de antes deles subirem, não, que era até antes da pandemia. Mas era por ali, aquele lugarzinho que a gente foi dividindo para fazer, porque era uma articulação, como deveria ser todo centro acadêmico, de necessidade dos estudantes. O número cresceu e as demandas eram outras. A gente tinha uma chefe de departamento, a Jandira, na Letras, que Jandira era assim: “matéria par é oferecida no primeiro semestre, matéria ímpar no segundo semestre”. E a gente dizia para ela: “professora, mas assim ninguém se forma” e ela “azar, vocês têm que agradecer de ter aqui”. Então essa era uma estrutura que precisava ser mudada.

Ana Maria de Almeida Santiago: E tem coisa que ainda precisa.

Maxmilliano Torres: Sim, ó. Muita coisa [risos]! Eu acho que até mais do que naquela época.

Mariza de Paula Assis: Os CAs se organizam na década de 1990, mas antes disso já tinha havido um grupo de alunos... aí é 1984, 1985, que também tinha uma liderança muito significativa de se juntar às nossas lutas dos docentes em prol da unidade. É quando a gente recebe professores da secretaria de educação, se não me engano. Acho que a Ana Cleia vem nessa época...

Glauber Almeida de Lemos: Isso em que ano, Mariza?

Mariza de Paula Assis: É em 1985, 1986...

Ana Lúcia Pinto Considera: Acho que foi em 1985, porque teve o concurso em Niterói e que muitos dos nossos alunos passaram, mas eles estavam terminando a curta de Estudos Sociais e aí não podiam tomar posse porque era licenciatura curta.

Mariza de Paula Assis: A curta, isso.

Ana Lúcia Pinto Considera: E aí começou esse movimento de chamar esses alunos, já tinham alunos até graduados, para que viessem concluir a plena. Tipo complementar, né? A curta já era até o quinto período e eles foram chamados para fazer o sexto, sétimo e oitavo para poder tentar entrar nesse concurso. Conto essa situação porque “não, terminou a curta, não tem como assumir”, não.

Mariza de Paula Assis: É, a [licenciatura] curta, na realidade só existia para Estudos Sociais, porque para Letras e Ciências já existia a [licenciatura] plena.

Ana Lúcia Pinto Considera: Eu acho que...

Mariza de Paula Assis: É sim. Tanto é que em 1985 há o desdobramento, um pouco antes da gente entrar na UERJ, isso já dentro do Complexo Educacional de São Gonçalo, que o curso de Estudos Sociais se divide em História e Geografia.

Ana Lúcia Pinto Considera: Era habilitação. É, nessa época todos tinham habilitação.

Mariza de Paula Assis: E todos os cursos foram divididos. Daí saiu o departamento de História, de Geografia, Ciências Matemáticas e Ciências Biológicas, Letras ficou fechado e Educação. Aquele curso que quando fez a reforma era assim: oito práticas pedagógicas. Max ainda pega um rastro disso. Porque quando entra em 1991, foi...

Maxmilliano Torres: Era um currículo imenso.

Mariza de Paula Assis: É imenso, imenso. Três psicologias, duas filosofias...

Ana Lúcia Pinto Considera: Os alunos pegavam senha para se inscrever nessa prática pedagógica, que eu acho que eram trinta vagas e era uma turma a cada período.

Mariza de Paula Assis: Cada período.

Ana Lúcia Pinto Considera: Trinta vagas.

Mariza de Paula Assis: E o estágio era muito interessante, porque o estágio era feito com dois professores. Tinha um professor da educação e um professor do

curso, da área. Então era muito interessante como se organizava ele. Mas isso é o quê? Aí em 1991, quando entra o currículo, sofre uma outra reformulação.

Maxmilliano Torres: E era uma confusão, porque tinha aquela galera que tinha que mudar o currículo para ver se conseguia se formar, mas ainda assim não ia ser beneficiada. E só voltando à questão dos CAs, né, que aí, Mariza, isso a gente não pode deixar de mencionar aqui, é que quando os CAs se unem, havia uma ligação muito forte entre professores e alunos. Porque era um grupo ainda muito pequeno. Tinham as festas dos CAs no Palácio de Cristal, as antológicas festas, e cada sexta-feira era um CA que proporcionava a festa.

Ana Maria de Almeida Santiago: Não vem não, hein, não me arruma confusão não, hein?

Mariza de Paula Assis: Ih, acho que Rosi já pegou. Quando Rosi chegou ainda tinha aquela questão das quintas-feiras...

Rosimeri de Oliveira Dias: Tinha, tinha sim.

Mariza de Paula Assis: Tinha mudado para quinta-feira. Cada CA podia estar fazendo uma atividade, eles conseguiam fazer inclusive para angariar fundos. Aí podia vender bebida alcoólica, tinha festa... Isso vai se transformar, mais pro final dos anos 2010, por aí, que a gente não tem mais como sustentar porque começa... o próprio entorno sofre uma grande mudança e aí tem que se resignificar. E eu me lembro que um pouco antes de entrar nas minhas licenças-prêmio eu quis fazer parte de uma comissão que era a Comissão de Festas, se podia ou não fazer festas. “Não pode” “Como é que não? No Maracanã pode! Cada andar tem uma festa” “Não quero saber, aqui não é o Maracanã”. Aí nessa hora a gente fazia questão de dizer: “olha só, é diferente” [risos].

Ana Lúcia Pinto Considera: Teve uma no tempo de [Maria] Tereza [Goudard Tavares] . Acho que foi 2009...?

Mariza de Paula Assis: Dois mil e nove. Tereza, é.

Ana Lúcia Pinto Considera: Que aí foi tudo autorizado, tá, a secretaria era onde é os departamentos... e aí eu to vendo montar uma parede mesmo de caixa acústica, uma parede. Quando o cara dá o primeiro áudio lá, cai o vasinho que tinha no meu computador [risos]. Caiu. E aí eu falei assim: “Tereza...” E aí tinham muitas coisas, eu acho que nessa época tinham uns aquários ainda, alguns aquários de [inaudível]. E eu falei: “gente, vai quebrar aqueles vidros todos!” [risos]. Aí Tereza teve que ir ali para fora negociar, porque ele tinha falado que o som era um pouco alto, mas ele falou... era uma parede mesmo, assim, uma parede. No final dali onde fica o pipoqueiro ainda não tinha aquela coisa lá, aquela parte alta, mas lá no final. Aí depois de muita negociação para que não

usassem todas as caixas porque o prédio não iria aguentar, as janelas não iriam aguentar... e a partir dali que começou essa comissão. “Não pode mais ser aqui as festas”, mas eram festas concorridas.

Mariza de Paula Assis: Tinha conflito de arma, entendeu?

Glauber Almeida de Lemos: Na verdade, essa comissão de festas começa ainda no final da gestão minha e do Marcos, em 2007, creio eu. Porque já estava ficando uma coisa insuportável e louca para a gente conseguir manter, fazer sobreviver na unidade com essas festas. Gente, a cada dois meses e inícios dos semestres, às quintas-feiras a gente não dormia. Era uma loucura, um estresse. Toda noite a gente esperava as ligações dos seguranças para a gente e ligavam sempre. E começaram a ocorrer, como a Mariza bem citou aí, casos de brigas, tráfico de drogas, enfim... então, né, Mariza, a FFP de São Gonçalo era conhecida, ficou um evento conhecido aqui.

Mariza de Paula Assis: As festas da FFP eram de arromba.

Glauber Almeida de Lemos: Exatamente. Aí no final a gente instituiu essa comissão de festas e depois perdurou também no mandato da Tereza, mas era uma coisa muito estressante, era muito louco.

Maxmilliano Torres: Não, as nossas eram completamente... era matinê, basicamente. Onze e meia já tinha acabado tudo, tava todo mundo indo embora.

Mariza de Paula Assis: Mas era muito bom, né?

Maxmilliano Torres: É... na época...

Mariza de Paula Assis: Era outro momento. A realidade do entorno era outra história, sabe? O contato com a própria comunidade... como você estava falando a questão do bode, da vaca... a gente fazia conselho departamental lá na última sala no segundo andar e aí ficava vendo o bode descendo ali na frente do palácio de cristal. Não tinha ainda fechado, cercado tudo. É noventa e poucos, né? Mas é legal porque foi mudando e tá aí.

Ana Maria de Almeida Santiago: Mas bode continua tendo na FFP.

Mariza de Paula Assis: É, mas cachorro sempre teve...

Ana Maria de Almeida Santiago: Bode, bode. Tem uns bodes que entram na nossa sala que meu Deus do céu...

Mariza de Paula Assis: Cada um... eu consegui uma proeza que tinha uma gata na minha gestão. Quando eu era diretora eu tinha uma gata, era Nininha, Nilceia. Era uma gatinha preto e branco que eu trouxe ela e falei “ela tem que regular os ratos”. Porque nós limpamos aqui a sala e tinha um armário que tinha muito

filhotinho de rato, gente. Mas eram aquelas coisinhas piquitinhas, rosinhas, sabe? Um horror. Tiramos aquela papelada toda e conseguimos tirar... olha, que loucura. Eu e Marco Antônio. Aí falamos assim: “óh, vamos botar um gato aqui dentro”. Aí apareceu a Nininha. Eu tenho fotos dela. Maravilhosa, ficava aqui tomando conta de 2000 até 2004, quando Claudio [Barbosa da Costa] e Glauber assumem...

Ana Lúcia Pinto Considera: Passeava por cima dos arquivos...

Mariza de Paula Assis: [rindo] ela andava por cima dos arquivos! Mas não tinha um rato aqui, não é [risos]? Muita história boa vivida, isso é...

Rosimeri de Oliveira Dias: Muita, muita história.

Mariza de Paula Assis: Isso é bom. Muitas vidas, muitos casamentos... muitos casamentos realizados, casamentos desfeitos. Vidas vividas, entendeu? E o que eu acho mais legal, eu particularmente até não gosto de falar não porque isso acaba... a idade é danada, né? Porque você toma consciência das dores, mas também toma consciência das emoções, das emoções que o ser humano conseguia administrar melhor. Então acaba que você começa a falar e já fica emocionada. Mas ver... ver esse povo que tá aí, gente. Eu outro dia falei assim: “eu tô me sentindo já avó”, porque quando chega o Diego, que já foi aluno de Gisele Colombo, que foi minha aluna... ele deve ter sido seu aluno também, Max, o Diego [Diego Cândido Abreu], que é hoje seu colega no departamento. Ele fez aqui a graduação, imagina? Pode um negócio desses?

Maxmilliano Torres: Acho que foi.

Mariza de Paula Assis: Tem colegas nossos que... é que eles não concluíram aqui, mas Santana... eu conheci Santana [Manoel Martins de Santana Filho] em 1984, 1982... Karol [Eduardo Karol]! Eram alunos. Karol fez psicologia comigo, a primeira aula que eu fiz era uma vivência. Uma vivência de quem é você, se conhece, acho que era uma prática que eu falava assim “a gente tem que começar a desconstruir essas armaduras que a gente começa a entrar na vida”. E aí eles foram... porque acho que a faculdade... foi 1984, mesmo? É, acho que foi por aí. Aí eles foram para a UFF, Karol já trabalhava na UFF, era técnico. Aí vai fazer concurso para lá, Santana volta, já foi diretor da faculdade. Max mesmo que interinamente tenha sido diretor com Priscila. Interinamente, mas quem sabe futuramente a gente possa começar a pensar nisso de novo, né, gente? Ah, pensa nisso, uma história que você pisou aqui garoto e hoje você está se consolidando... vamos lá, fala Ana Claudia [Sacramento]. E olha só, Priscila está inscrita. Ana Claudia está só observando.

Rosimeri de Oliveira Dias: Vai, Priscila, querida.

Priscila Cardoso Petito: Pensei que Ana Claudia estava inscrita, desculpa. É rapidinho. É só que Mariza está falando de ser avó acadêmica, nesse sentido Mariza é avó mesmo, né? Porque você sabe que, em 2019, eu estava no corredor da FFP e ouvi alguém gritar meu nome. Aí uma ex-aluna minha da educação básica veio gritando lá do outro lado e falou assim: “eu te falei que ia estar aqui, eu te falei que você ia me ver aqui”. Foi muito lindo, ela é aluna da História, deve estar se formando agora. Minha aluna na favela do sexto ao nono ano. Então, para mim foi uma experiência incrível saber que aquela menina hoje é uma professora maravilhosa, é uma menina maravilhosa, e hoje está na FFP com a gente. Não consegui levar para a Matemática, viu, Rui? Mas foi quase [risos]. Foi quase.

Ana Claudia Ramos Sacramento: Bom, como eu não falei, porque eu estava ouvindo... acho que é um momento único a possibilidade de ouvir os colegas, já que falamos mais do que outra coisa. Então é tão bom quando podemos... não precisamos falar tanto. É tão bom, é tão bom. Mas vamos lá para não deixar de ter um registro meu, porque por mim nem precisava falar, pois acho que todo mundo já representou muito bem [risos]. Mas eu sou Ana Claudia, sou filha de empregada doméstica que hoje é aposentada e de pai que era marinheiro particular no late Clube do Rio de Janeiro, que também está aposentado. Não concluíram o ensino fundamental I, mas gostavam de ler, e eu sou a representação dessa família que conseguiu chegar ao doutorado. Então estar dentro da Faculdade de Formação de Professores é uma representatividade muito grande. Não só dita pela minha família, mas vários alunos que passaram e passam por mim dizem isso, né? Quem é a gente e como a gente se coloca em relação a isso. Eu sou do Departamento de Geografia, que fez 25 anos em 2021, se eu não me engano, e tem uma longa história não só na região, mas no Brasil inteiro. Vocês falaram da relação da FFP, mas a FFP é conhecida, a Geografia e a História, não só nacionalmente, mas internacionalmente. Eu estava até comentando isso quando fui à Honduras e me deparei com o diretor do departamento de Relações Internacionais que conhecia a Helô [Heloísa Josiele Santos Carreiro], do departamento de Educação. Então estamos por aí. Às vezes não nos mostramos por aí, mas isso é super importante, falar e mostrar que a FFP tem uma força fora e dentro. E só vamos ter a magnitude disso, quando caminhamos nos lugares, né? Vamos nos lugares e vamos conhecendo as pessoas que vão dizendo que conhecem, que conhecem os trabalhos, que já leram os nossos trabalhos. Mas é que o mundo é muito grande, então não damos conta de ter essa magnitude que é a FFP. Então a FFP não é mais só uma instituição no cenário regional, mas para mim hoje ela abrange também o internacional, quando conseguimos capitalizar e perceber novas ações. E muitos alunos querendo vir fazer intercâmbio e conhecer melhor a instituição e realmente vir, porque é Faculdade de Formação de Professores. Eu acho que é muito significativo isso. Apesar de vivermos todo um processo nos últimos seis anos de destruição da formação de professores, do professor, vemos também

cada dia esse crescimento. Acho que é uma realidade que vai ser sempre muito contraditória, complexa e dialética, o tempo inteiro. O que é ser professor. Então acho isso muito importante a gente comentar e falar sobre isso, essa proporção que a universidade dá, que a nossa faculdade tem fora, dentro e também nas redes. Vamos nas secretarias estaduais, municipais, os nossos alunos são os principais concorrentes que passam nesses concursos. Então estamos capilarizados nessas áreas, não só no Rio de Janeiro, mas eu tenho visto alunos meus em vários lugares, principalmente Santa Catarina, Paraná. Tem aluno em Altamira [PA], em São Paulo. Ou seja, estamos vendo aí nossos alunos que preferem não estar mais no Rio de Janeiro, porque o Rio está saturado e ir para outros lugares. Então a FFP está sendo conhecida com esses alunos em outras instituições. Desta maneira, eu acho que é importante afirmarmos isso e afirmarmos que a nossa unidade tem uma representatividade. E com as nossas formações e com as formações dos nossos alunos que estão saindo e acabam fazendo mestrado e doutorado não só aqui, mas também fora [da FFP] e levando o nome, também estamos mostrando esses caminhos que estão sendo percorridos. Assim, eu acho que é muito importante falarmos que nos cinquenta anos vivenciados nesta unidade, ela se expande de uma tal maneira que hoje também não damos conta de saber. Nós sabemos por que os nossos alunos vêm comentar e dizer: “estou aqui, professora, em tal lugar! Estou aqui em outro lugar, estou fazendo doutorado” em lugares que não imaginávamos. Essa inserção ela ganhou um corpo e está muito maior do que a gente imagina, por mais que a gente ache muitas vezes que não. Eu acho necessário esse relato porque a cada dia eu vejo esses alunos indo para outros espaços e isso nos alegra muito. Quando vemos e percebemos que os alunos estão para além daquilo que imaginávamos. Muitas das nossas trajetórias são parecidas, são diferentes, mas o que eu posso falar enquanto uma mulher negra periférica e evangélica, diante dessa concepção toda, é o entendimento de que tudo o que a gente vive e vivencia tem uma forma de ser e estar. E quando muitas das pessoas acabam pontuando os desafios, eu falo para vocês o seguinte: quando vocês falam do desafio do neopentecostal — e eu quero pontuar isso também na minha fala —, é um desafio também para quem é professor universitário e está dentro, porque mostra que podemos fazer ciência e acreditando na fé, muitas vezes também somos rechaçados dentro da igreja. Ainda mais sendo mulher, ainda mais sendo que tem uma representatividade, e como você se coloca no meio dessas relações. Então eu também acabo tendo diferentes papéis não só na universidade, mas fora dela e fora também daqueles que querem vir para universidade que muitas vezes ouvem coisas de que a universidade deturpa, que é um mau caminho, que a universidade só tem maconheiro — eu já ouvi isso muitas vezes — e entender que estamos aqui... e eu falo, eu aponto isso: aqui é um lugar de resistência e a gente tem que ser resistente tanto dentro quanto por fora. E essas representações são muito significativas. Então eu estar aqui, em uma unidade que também agrega, que

não é preconceituosa, que respeita as diferentes posições — porque nós somos humanos e temos diferentes posições —, isso também mostra a importância e a relevância da FFP. E a gente inclusive tem recebido muitos alunos que estão vindo de várias denominações, mas eu vejo que eles estão reprimindo, uma boa maioria — claro que a ainda temos visto muitas coisas —, e percebendo que aqui é um espaço de debates, de discussão ideológica, política, filosófica, mas é um espaço de aprendizagem. Todos nós temos que ficar aqui para aprender. E isso não requer que nós precisemos diminuir ou menosprezar o outro pela posição que elas estão, muito pelo contrário. Nós justamente estamos aqui porque defendemos as diferenças e defendemos que essas diferenças têm que estar em todos os espaços. Então a FFP para mim, nesse sentido, ela é muito relevante. Eu me sinto muito acolhida. Todo mundo sabe que eu sou evangélica, que eu congrego aqui embaixo e que esse é um desafio que eu tenho que ter constantemente... de mostrar que não, eu estou aqui e estou fazendo ciência e eu não deixo, por conta disso, ser maior ou menor do que os outros. Acho que isso é muito importante e acho que os espaços têm que ser construídos e pensados para esse fim. Para finalizar, o significado da FFP para a minha vida — e aí eu vou colocar alguns pontos que têm a ver com o departamento de Geografia —, quando eu entro como aluna para cá em 1998, o departamento tinha quatro anos. O departamento estava se constituindo como tal. Ainda tínhamos pouquíssimos professores efetivos — se não me engano os efetivos eram o falecido Cláudio [Claudio Barbosa], o Nilo [Nilo Sérgio Modesto]...

Mariza de Paula Assis: Heloísa [Heloísa Helena Coe].

Ana Claudia Ramos Sacramento: Heloísa [Heloísa Helena Coe], a Carla Brito, que hoje está aposentada, o Breguelé [Manoel Ricardo Simões], que também já era efetivo e acho que vocês conheceram. O Breguelé deu aula no Instituto, né?

Mariza de Paula Assis: Claro.

Ana Claudia Ramos Sacramento: Não, estou falando desse pessoal do Instituto de Química, ele deu aula lá, né?

Ana Maria de Almeida Santiago: Fui colega do Breguelé.

Ana Claudia Ramos Sacramento: É, então! E Floriano [Floriano J. Godinho de Oliveira]... Floriano, Marcos Couto...

Glauber Almeida de Lemos: E o Luiz Carlos Bertolino também, né? Ana Valéria Bertolino e Luiz Carlos Bertolino.

Ana Claudia Ramos Sacramento: Não, o Bertolino e a Ana Valéria são depois.

Mariza de Paula Assis: Em 1998, tinha Floriano [Floriano J. Godinho de Oliveira] que estava lá, aquele menino que entrou em 1996, ai meu Deus, como é o nome dele?

Ana Claudia Ramos Sacramento: Aí não sei, que eu lembre são esses que são efetivos.

Mariza de Paula Assis: Heloísa [Heloísa Helena Coe] entrou em 1995...

Ana Claudia Ramos Sacramento: Heloísa, Anice [Anice Esteves Afonso]...

Mariza de Paula Assis: Anice em 1994, em 1993...

Ana Claudia Ramos Sacramento: Então, foi um grupinho pequeno, mas que estava se constituindo como tal e a gente via a marca da importância do que eles vinham fazendo, enquanto professores de escola básica — porque todos eram de escola básica, isso para mim foi fundamental, tirando o Floriano...

Mariza de Paula Assis: Luiz Rogério [Luiz Rogério Salgado] não era não, né?

Ana Claudia Ramos Sacramento: Não lembro do Luiz Rogério. Mas eles são fundamentais para a nossa formação enquanto professores que vinham de uma luta na escola básica e que defendiam a escola básica enquanto área de conhecimento, enquanto produção. E também defendia o direito de entender essa Geografia que estava vindo com eles, porque a Geografia tem uma história longa. E ao longo desse processo da formação foi importante ver a luta por tentar ter uma FFP que fosse científica, mas também fosse acolhedora, que fosse humana, mas que também construísse uma forma de pensar cientificamente o Leste Fluminense. A marca desse grupo que veio era “vamos demarcar uma forma de pensar o Leste Fluminense, porque São Gonçalo se tornou uma referência científica do lado de cá”. Não era só mais a UFF, mas a FFP também. Então isso se torna muito significativo nessa minha trajetória de 1998 a 2001 como aluna que era trabalhadora, que só vinha efetivamente para a aula, porque trabalhava de 8h às 17h no Rio de Janeiro e vinha para aprender, porque eu precisava daquilo para poder me formar e me agregar em seguida. E aí eu volto em 2013. Eu não fiz o mestrado e doutorado aqui, eu tive que morar em São Paulo para fazê-los na USP, porque Geografia tem essa proeza da área de ensino ser sempre menosprezada. E aí tem uma outra relação também importante na FFP que em 2012 que se constrói a parte da pós-graduação em Geografia e tem a área de Ensino da Geografia que é um marco. A gente tem poucas universidades no Brasil que têm a linha de ensino efetivamente e isso possibilita aos nossos alunos virem fazer aqui e não terem que ir para fora, que era uma problemática de ensino. Então se pensar na área de Ensino, eu, Marcos Couto e Manoel Santana somos frutos do doutorado da USP, porque não tinha aqui alguém de fato para nos orientar na área. Então a gente teve que ir para

fora. E poder, hoje, ter um corpo docente onde tem o mestrado com a linha de Ensino em Geografia é fundamental dentro da FFP, é um marco também. Em todo o estado do Rio de Janeiro, efetivamente, nós somos a única que tem a linha efetiva. Então isso se torna muito importante nesse universo. Nessa minha entrada em 2013 até 2023, eu fiz dez anos como professora da unidade, percebo que a gente conseguiu avançar e criar um corpo docente do qual podemos dizer que não só hoje, mas eu falo do ponto de vista da formação científica, que hoje temos uma formação consolidada na FFP, com todas as áreas do conhecimento tendo importância nacional e tendo debates e discussões que nos elevam enquanto uma unidade importante dentro do cenário nacional. Então eu acho que a FFP vai se mostrar e eu acho que esse é o novo avanço: é conseguir qualificar melhor a nossa estrutura física, porque do ponto de vista de estrutura humana, de 1998 para hoje, eu acredito - que claro que sempre teremos que melhorar mais, mas eu vejo que a gente chegou num limiar que não pensava antes. Então eu paro por aqui.

Rui Aniceto Nascimento Fernandes: Então, em cima do que a Ana Claudia estava colocando, eu estava pensando aqui em algumas questões que a gente já comentou antes. Por exemplo, essa questão do perfil do aluno, que hoje a gente tem um alunado especialmente que é oriundo de São Gonçalo e região, que é adepto das igrejas neopentecostais, enfim... e isso tem gerado eventualmente algumas questões, mas eu acho que quando a gente vai fazendo esse exercício de memória, a gente vai pensando um pouco também nas transformações desse perfil dos alunos da FFP. Por exemplo, eu estava aqui fazendo um exercício. Na minha turma, eu acho que cerca de 40% dos alunos eram alunos mais velhos. Não necessariamente alunos que estavam fazendo uma segunda graduação, mas eram alunos mais velhos que não tinham interesse em se tornarem professores, eles estavam fazendo curso superior. Eu acredito que isso alguns de vocês vão entender. Às vezes eram militares que estavam querendo subir de patente, e aí fazer um curso específico, ter curso superior, então tinha um pouco isso. Aos poucos, a gente viu essa mudança. Hoje, a maior parte dos alunos é aquele pessoal que acabou o Ensino Médio e está vindo para a universidade. Eu acho que esse é um dado que a gente precisa sempre avaliar.

Ana Maria de Almeida Santiago: Vindo com pai e mãe, inclusive.

Rui Aniceto Nascimento Fernandes: Vindo com pai e mãe, né? Então acho que essa mudança de perfil aí, pelo menos nesses últimos 25 anos, que a gente tinha naquela época quase 50% de alunos mais velhos e hoje isso deve ser ínfimo, esses alunos mais velhos que estão vindo. Pelo menos é o que eu tenho visto na História. E essa questão da pandemia em relação aos nossos alunos, acho que foi muito prejudicial em vários aspectos, inclusive na cultura universitária. No momento em que está todo mundo remoto, em casa, você não

tem aquela passagem geracional de informação entre os alunos, os alunos mais velhos passando informações para os mais novos, circulando por aquele espaço... pensando ali as transformações, pensando o ethos, como lidar com as pessoas, como lidar com os professores, com os colegas, com os técnicos... essa coisa toda. Então isso também é um impacto que a gente tem hoje não só pelos alunos oriundos de igrejas neopentecostais, mas alunos que também estão tendo que aprender o que é essa cultura universitária. Vir de religiões diversas é sempre um elemento a mais nesse caldeirão de questões quando esses alunos. E são os nossos desafios! É por isso que desde 2010 — eu estou desde 2010 como professor na UERJ, fiquei quatro anos como professor visitante e depois fui para o Maracanã, em 2014, meu concurso foi lá, e aí fiquei lá cinco anos e por sugestão da professora Ana Maria de Almeida Santiago fizemos uma permuta. Por isso que eu falo que está na conta dela eu ter voltado para a FFP, né, Ana? Então desde 2010 a gente percebe que o momento da chegada é um momento impactante para esses alunos e que impacta de várias formas. O primeiro período é o momento fundamental, é o momento definidor das identidades dos alunos. É o momento em que aqueles que são mais religiosos têm choque, sim. Têm choque de ser instado a pensar diferente, reafirmando a sua fé ou questionando-a. Isso não é o X da questão. Fé e ciência podem andar e dialogar no espaço, não é esse o problema. Assim como Ana Claudia, eu também sou religioso, sou católico, passei por isso em vários momentos. Às vezes na própria universidade. “Mas como? Você, professor de História? Católico?”. E catolicão, aquela coisa assim família tradicional, vinte anos de casado, dois filhos, sabe? Tudo na igreja, certinho, levo. O meu filho é coroinha.

Ana Maria de Almeida Santiago: [risos]

Rui Aniceto Nascimento Fernandes: Essa coisa toda! Mas nem por isso a gente perde essa dimensão da ciência, do compromisso com o social. Então eu acho que isso é importante que a gente possa pensar que a formação que os nossos alunos têm, como as nossas, nos impactam e os impactam e que foge ao nosso controle o que é que vai dar. Porque assim, a gente sempre enfatiza que a FFP é esse celeiro de professores, tem gente que tem aí esse compromisso, mas o povo daqui também vai para tudo quanto é lugar! Por exemplo, a Secretaria de Meio Ambiente da Prefeitura de São Gonçalo é o pessoal lá do Glauber que formou. Fizeram a licenciatura, mas estão lá atuando como técnicos de meio-ambiente. Então a gente também tem a formação de quadros técnicos para a região que é algo muito importante que a gente tem que destacar. Não é só a formação dos licenciandos, licenciados, mas também essa formação de quadro técnico que já vem de algum tempo. E essa relação da unidade com a região em si, não só nas atividades da secretaria de educação, mas das outras secretarias, dos conselhos. Eu acho que a FFP se consolida. Ela vai conquistando lugar, esse lugar não foi dado. Eu acho que é importante que

a gente também pense: a partir da própria provocação da FFP é que se consegue, então, que a FFP tenha assento no conselho de educação, no conselho de cultura de São Gonçalo, em outros conselhos, em outros órgãos representativos de instâncias diversas na região. Acho que esse é um espaço, porque essa é uma busca. Também não dá para dizer que todo professor faz essa vista. Tem professor que quer ficar lá no seu gabinete. Ótimo, tem esse espaço também, mas a gente vê esse envolvimento de um bom número de pessoas nesse papel social que a universidade tem.

Maria da Conceição Calmon Arruda: Gente, muito obrigada. Adorei ouvir vocês, por mim eu ficaria muito mais tempo, mas sei que todo mundo tem seu tempo. E eu queria que agora a gente pudesse finalizar, como cada um de vocês dizendo como pensa o futuro da FFP, as falas da Ana Claudia e do Rui já sinalizam um pouco, mas gostaria de ouvir vocês sobre a FFP do futuro.

Ana Maria de Almeida Santiago: Eu acho que é uma FFP que vai ter que pensar outros cursos, novos cursos. Não abrindo mão da sua identidade, mas pensar em uns cursos. E que ela tem que aprofundar suas relações com movimentos sociais. Acho que isso vai ser fundamental para o nosso crescimento. Maior, né? Crescer mais. E a gente reconectar. A gente precisa. A pandemia causou muitos danos, como o Rui falou, mas acho que talvez um dos mais graves seja a imensa dificuldade que a gente está vivendo agora dos espaços de aula. As pessoas por dois anos não precisavam ficar vendo o outro. E dialogando, não é só dialogando, é dialogando e construindo pactos com o outro. Então a gente tá precisando muito retomar. Você vê que tem um marasmo, uma dificuldade de voltar à engrenagem das reuniões, das participações. Tá sendo difícil até coisa que nunca houve problema na FFP de montagem de chapa, nada disso. A gente tá sem chapa até agora. Inscrição é hoje, amanhã e depois. Temos a cabeça hoje para conselho e não temos um vice para o Consun. Para o CSEPE já tem porque quem estava disse que fica, então assim... a gente não está conseguindo nem renovar. E também não conseguimos renovar nossa representação na ASDUERJ. Acho que é uma situação... é um indício de que a gente precisa trabalhar isso.

Glauber Almeida de Lemos: Eu também concordo com a Ana, mas acho que além da gente pensar em novos cursos — eu particularmente sempre achei que a gente deveria ter todas as áreas, o escopo lá da escola básica, todas as disciplinas, todas as áreas do Ensino Médio, por exemplo. Mas acho que a gente tem que repensar também os nossos cursos. E isso não é só para a reforma curricular, mas também repensar como nossos cursos estão inseridos nessa realidade regional e nacional. Na nossa realidade enquanto formação de professores. A gente sabe que a formação de professores, a licenciatura, não é um curso nem uma área que está tendo muita procura, muita demanda. Infelizmente tem caído cada vez mais. Acho que muito por culpa nossa também

enquanto formação de professores, de licenciandos, acho que a gente precisa repensar a forma como a gente lida com isso na atualidade, nessa realidade das redes sociais, de novas tecnologias, acho que a pandemia veio para nos alertar sobre isso também. Acho que é isso: além de pensar novos cursos, é importante sim, mas acho que a gente tem que afirmar e reafirmar a Faculdade de Formação de Professores enquanto faculdade de formação de professores, acho que a gente não deve abrir mão disso, e repensar os nossos cursos. Acho que é isso.

Maxmilliano Torres: É, assim, eu concordo com a Ana com essa revelação da ocupação dos espaços, desse retorno a esse lugar. Eu sempre sinto os corredores muito vazios, as pessoas com uma resistência muito grande de estar presente no lugar, de retornar aos lugares. Acho que o Glauber tem razão quando ele fala de repensar os cursos. Talvez esse seja um dos maiores desafios que a gente vai ter que fazer, porque isso precisa ser feito coletivamente, vai dar muita discussão, mas é o que tem que ser feito. Só que eu penso ainda em voltar lá nesses questionamentos da Haydée do lugar da instituição nesse cenário regional. A gente tá fazendo cinquenta anos como uma unidade totalmente voltada para a licenciatura que forma uma grande parte da população de São Gonçalo. Mas o meu questionamento, se a gente pensa em outras oportunidades, em outros cursos, é a formação de professores, a ideia de formação para além da licenciatura. Pensar cursos de humanas. Por que esse lugar, por que essa região só pode promover a licenciatura como se o destino das pessoas de São Gonçalo para uma educação pública perto da casa delas fosse só a licenciatura? Por que não outros cursos? Para mim é algo que é bem importante, é importante para a gente levar para discussão e pensar. Porque pelo histórico desses 50 anos a gente vê que é um histórico de luta, de resistência, de se colocar num lugar para se reafirmar, eu acho que os novos tempos pedem novas medidas e outras estratégias.

Priscila Cardoso Petito: Então, eu acho que pensar os cursos é fundamental. Os que já estão, os possíveis, licenciaturas ou não, eu acho que é uma discussão que a gente precisa fazer, precisa pensar nela, mas a gente tem outras coisas para trabalhar mais imediatas. Acho que a gente tem que ter planos para curto prazo, longo prazo, médio prazo. A gente tem que ter umas coisas assim à frente. Mais especificamente, na minha área de atuação, eu digo muito que a gente precisa trabalhar mais na interlocução, sabe? Com redes, com a sociedade, a gente precisa entender melhor os processos e envolver essas pessoas. Na formação inicial, a gente vem fazendo um pouco esse movimento diante da discussão curricular, que é contínua. Agora, a gente vai ter que rever tudo de novo com novos instrumentos norteadores das licenciaturas, então a gente vem num processo de pensar novamente a formação inicial, principalmente em sua dimensão extensionista. Mas eu acho que a gente ainda tem uma lacuna grande na formação continuada, sobretudo em Matemática. Isso é uma coisa para a gente pensar. Pensar para onde a gente quer ir, servir para dar voz e refletir

sobre que espaços são esses que esse professor que está na escola precisa ter e não tem. A gente precisa ser esse lugar. Acho que ainda falta muito para caminharmos. E, em relação à FFP em si, acho que a gente tem essa noção que já viveu grandes mudanças, sobretudo na transformação do espaço, mudanças muito grandes. Quem experimentou tempos passados e agora retorna, pode perceber que as mudanças físicas são o primeiro impacto, apesar de ainda encontrar carteiras da minha época [risos]. Mas acho que também precisamos rever os espaços diante dos desafios que eles apresentam. Ter essa conectividade junto a nós como aliada. Como é que a gente vai repensar e redimensionar espaços se a gente ainda tem dificuldades tecnológicas, limitações com equipamentos e instalações? Acho que é uma coisa para a gente pensar muito. A gente sempre vai ficar atrás... a gente sempre precisa trabalhar em casa muito mais do que trabalhar no espaço da instituição. Assim, nós nos encaminharemos naturalmente para sermos horistas e havíamos conquistado a dedicação exclusiva como regime de trabalho justamente para quebrar esse paradigma. É um desafio do pós pandemia. É isso, acho que esses são os pontos sobre os quais precisamos pensar. Alguns são mais urgentes e outros precisam de articulação para se concretizarem em um futuro um pouco mais distante, mas não podemos perder de vista estes aspectos.

Maria da Conceição Calmon Arruda: Acho que agora é a Mariza

Mariza de Paula Assis: É, eu penso que caminhos a FFP tem a percorrer tem muito a ver com isso que Priscila está apontando, essa necessidade que nós já fazemos e o que há para além do que já fazemos, mas é também ampliar as nossas ofertas para uma realidade que nosso entorno demanda mais. O quê que o nosso entorno...? Fazer tipo uma consulta, sabe? O quê que as pessoas estão demandando mais dentro desse nosso entorno? Nós temos demanda, por exemplo, de Maricá, temos demanda de Itaboraí, temos demanda de Rio Bonito e que não necessariamente é só na formação dos docentes, é para além disso. E fora isso, uma coisa que a gente discute muito é o que a gente pode fazer para além do que nós temos, do que já fazemos? Então acho que essa tarefa, essa jornada que vocês vão seguir que eu acho que vale a pena, gente. Começar a discutir o que é possível, que potência tem essa universidade para além do que ela já está fazendo hoje. Ela cresceu, ela se transformou e hoje o que ela pode se transformar a partir do que é? Eu fico pensando sempre. Eu fico pensando sempre nisso que a Priscila falou agora eu acho que é importantíssimo. Agora de fato, como é que a gente consegue trabalhar aqui quando nem temos um computador que atenda nossa demanda? Uma rede que por mais que se tenha colocado cem gigas sei lá o que, ela tem horas que não segura nem quaz-quaz-quaz, entendeu? Então, de fato, precisa investir mesmo. Espaço agora ninguém pode dizer que não tem. Vai ter que trabalhar muito para constituir mais esse espaço, dar outra cara para ele. Acho que é uma boa caminhada que tem aí pela frente. E que a vivam com prazer. Rui, é você!

Rui Aniceto Nascimento Fernandes: Bom, então eu acho que a FFP chega aos seus 50 anos, né? E nós passamos aí grande parte da nossa existência nesse lugar. Então para vocês verem: eu tenho 43 anos, 26 são da FFP. Então pensar o que é a FFP e o que ela pode vir a ser é também sonhar, jogar aí o que pode ser. A gente vê uma FFP muito diferente, não imaginou que pudéssemos lá quando a gente estava nos bancos que encontraríamos uma FFP agora dessa forma que está. Então eu acho que ao longo do tempo, cada curso, cada departamento, foi desenvolvendo as suas estratégias de desenvolvimento, alguns se voltaram para as construções das suas pós-graduações chegando ao curso de doutorado. Alguns investiram mais nas especializações, uma série de caminhos foram tomados nesse sentido de pensar um desenvolvimento dessa formação. Mas eu acho que antes de mais nada, antes de sermos FFP, somos UERJ. Isso desde quando eu era aluno eu dizia isso. Porque também tinha uma questão naquela época: no cenário das universidades, a UERJ já era considerada o patinho feio. Nós que éramos o patinho feio de São Gonçalo éramos mais patinhos feios ainda. Para mim essa não era a questão, porque eu só tinha condição de fazer uma universidade se fosse uma universidade pública, então estava superfeliz de estar dentro da FFP, da UERJ. Senão não era, não tinha outra forma. Mas eu acho que a gente foi construindo essa noção de que nós somos uma universidade, nós somos alunos de uma universidade pública, temos o compromisso com a sociedade, temos uma inserção social no entorno. Não só no Leste Fluminense, Ana Claudia estava falando que a gente tá aí pelo Brasil e pelo mundo, né? Então eu acho que a gente precisa também, enquanto UERJ, pensar o que esse campus pode potencializar para esta região. E aí a gente sonhar, mas sonhar como todo cientista sonha: também fazendo seu diagnóstico, fazendo seus levantamentos, levantando as demandas da região para a gente pensar. Acho que a formação de professores é a marca. O Max tava falando, a Ana Maria de Almeida Santiago também. É a nossa marca, é o que nos trouxe aos cinquenta anos, mas eu espero estar nos próximos cinquenta anos — nas comemorações, não dando aula, tá [risos]? Eu espero estar nas comemorações dos próximos cinquenta anos pensando que esse campus possibilitou que essa região pudesse se desenvolver, pudesse crescer com o apoio dessa universidade que tanto fez, faz por nós e nós por ela. Isso é de mão dupla.

Ana Claudia Ramos Sacramento: Antes de tudo, eu queria falar que para mim é uma honra poder fazer parte desses cinquenta anos e que a FFP possa cada dia mais crescer, desenvolver e que ela possa trazer a sociedade gonçalense para dentro dela sendo uma representatividade — que ela já é, mas muito mais — e aí podendo colaborar com essas frentes que estão aparecendo. E a necessidade constante de rever os nossos valores. A gente também precisa rever nossos valores, o sentido que ela vai se dar ao longo desses cinquenta anos não é, como a Mariza falou, como cinquenta anos atrás. Hoje ela tem outros valores. Então que possamos repensar em novos valores, novos papéis que a

universidade possa ter para fora, sabendo que nós estamos num espaço que é muito privilegiado, um espaço único, que a gente precisa aproveitar e desfrutar desse espaço. Nós somos os únicos dessa área — quando eu falo único não estou colocando a UFF no meio porque a gente sabe que vários alunos nossos vêm de vários outros lugares: Maricá, Silva Jardim é um número grande, Rio Bonito e...

Ana Maria de Almeida Santiago: Macacu, Cachoeiras de Macacu.

Ana Cláudia Ramos Sacramento: A gente recebe um público muito grande, né? Então qual é o nosso papel? Quer dizer, quando eu falo o nosso papel tenho falado do regional, nacional, mas a gente também tem um papel nesses municípios onde os nossos alunos estão sendo formados e lá são professores, são profissionais. Então que possamos cada dia mais estar propagando esse momento e aquilo que a Ana Maria de Almeida Santiago falou: que a gente possa estar tendo um crescimento também físico, com qualidade, para que a gente possa receber. A gente tem aumentado, qualificado as nossas produções, os nossos papéis, mas a gente ainda tem sofrido com infraestrutura, né? A falta de motorista, a falta de um carro bom que a gente possa caminhar para lá e para cá e não ser surpreendido no dia ou no final de semana antes de ir para o campo com “olha, professora, não tem dinheiro e a van arrebitou”. O que é que a gente faz? A gente não deseja isso, a gente quer chegar aqui na unidade sem essa preocupação! Que a gente possa crescer, acho que é esse o papel que a faculdade vai exercer e deve exercer nesses mais longos cinquenta anos. E vida longa à FFP!

Rosimeri de Oliveira Dias: É, vida longa, né. Vida longa! Gente, eu estou muito feliz de ouvir vocês. Uma alegria e eu pensando assim nessa perspectivização, eu gosto muito da palavra que o Rui usou: “pensar no futuro é sonhar”. O sonho tem várias maneiras de se pegar, mas desde a antiguidade ele é pego também numa relação estratégica. Então você sonha também para pensar sua própria existência. E ouvindo vocês eu fiquei apaixonada — cada vez mais, porque eu já sou — pela FFP, porque mesmo não sendo lá do território, eu nunca morei em São Gonçalo, mas eu vou com muita alegria naquele lugar. Estou na minha casa por conta disso que acabou de ser dito, fiquei preocupada de não conseguir gravar numa sala lá. Eu tô vendo que funcionou, tem muita gente que está na FFP. Mas eu queria agradecer a disposição de vocês. A gente vai pensar o que vamos fazer com esse material. E vamos continuar nos falando. Eu acho que a Ana Lúcia Pinto Considera não falou, não fez as palavras finais. Eu estou aqui... Ana Lúcia Pinto Considera ainda está aí?

Ana Lúcia Pinto Considera: Estou. Eu não falei, eu só ouvi, ouvi, ouvi.

Rosimeri de Oliveira Dias: É, e eu estou aqui te cobrando [risos].

Ana Lúcia Pinto Considera: É porque, assim, acho que até por ser a única técnica nesse momento aqui eu fiquei ouvindo mesmo dos professores. O tempo que eu estou aqui, ter conhecido esses professores também como alunos... a importância que a FFP tem na minha vida... tanto que eu digo que o meu diploma na FFP é de vivência. Quando eu entrei na FFP aos dezesseis anos, eu estava fazendo segundo grau. Aí era um horário puxado, teve uma diretora, que era a professora Maria Helena, que segurou para que eu pudesse terminar o meu segundo grau e estudar. Era uma época que se casava cedo, casei com 21 anos e vivendo a FFP, marido ajudando, fazendo estágio de ordem alfabética. Só que a FFP era o meu remédio de vida. Eu tenho um prazer em estar aqui que eu fui evoluindo. Eu comecei com a máquina [de escrever] manual, passei para a [máquina de escrever elétrica da] IBM, fui ser secretária de uma direção porque eu conheci a IBM, aquela esfera era uma coisa de outro mundo, depois eu fui para o computador... então eu fui crescendo, aprendendo, eu queria aprimorar o nosso trabalho, a forma de trabalhar...

Ana Maria de Almeida Santiago: Agora a gente tem o SEI²⁵!

Ana Lúcia Pinto Considera: Aí vem SEI, gente, na pandemia! Só Adriano [Fiaux Pereira] sabe... porque Adriano era meu professor ali no SEI, tentei fazer um curso, mas eu queria mexer e era complicado. Hoje eu ainda não domino total, mas eu já entro e sei o que significa cada coisa. Então eu tenho um orgulho imenso em ser da FFP. Tanto que às vezes as pessoas falam assim “UERJ/FFP” e eu falo: “Não, eu sou da FFP e a UERJ é a nossa universidade onde a FFP está inserida, mas o meu amor maior é a FFP”. E aí essa coisa que eu não continuei os meus estudos, eu parei no segundo grau e fui aprendendo a FFP, como que trabalha. Então eu peguei essa coisa de trabalhar, esse trabalho técnico-administrativo, eu sei pôr a mão mesmo, porque era uma coisa que eu queria aprender. E aprendi com pessoas maravilhosas. A professora Maria Helena Silva Vaz Farias, com a professora Marilena Tingo, com a Ângela Galindo com as coisas do diploma... então assim, eu digo que profissionalmente eu me realizei, eu cheguei a pensar fazer biologia por causa também de um professor daqui, do Leslle [Manoel Leslle Pinto Aranda]. Que Leslei era apaixonado, Mariza conheceu, era apaixonado por isso aqui. Aí tinha uma pessoa que era da [Faculdade?] Maria Tereza [Goudard Tavares] e falou: “vamos para lá, eu arrumo para você fazer de manhã, você muda seu horário aqui...”, mas aí eu tinha um filho, já dificultava conciliar tudo. Eu não fiz um curso superior, mas eu me especializei num trabalho administrativo. Então hoje quando eu vou para o [campus UERJ] Maracanã... por exemplo, eu estou num projeto lá, um

²⁵O **Sistema Eletrônico de Informações** (SEI) é um sistema desenvolvido pelo Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4), que foi adotado por outras instituições públicas como sistema de gestão de processos e de documentos eletrônicos.

PROTEC²⁶ por conta da minha experiência. Porque você fica vendo assim: a UERJ recebe os técnicos, muitos com curso superior e tudo, mas ela não ambienta muito bem onde eles têm que trabalhar. Então na pandemia isso ficou claro. Quando se criou um grupo dos chefes de secretaria e os chefes de secretaria não sabiam trabalhar, era estranho. Então hoje em dia as pessoas me conhecem: Ana Lúcia Pinto Considera Pinto Considera. Esses dias eu encontrei com o professor Ricardo [Ricardo Carvalho de Barros], que é do DAA²⁷, e ele falou assim: “Você é a Ana Lúcia Pinto Considera Pinto Considera da FFP, né?” “Sim!”, por conta disso. Então eu digo que estou para aposentar há muito tempo, vai ter o momento que eu vou ter que parar mesmo, por idade e pelo tempo, mas eu sonho em ver uma FFP continuar grande, porque a FFP é grande. De repente, fazer uma campanha: que os jovens que estão entrando no mercado de trabalho, estão no mercado de trabalho, pudessem estar na faculdade entrando, qual o outro curso, que não fosse a formação de professores? Porque a formação de professores vai ter que ser para sempre, eu acho que a formação de professores é aqui. E aí no terreno ao lado [risos] poderia se pensar quais os cursos a FFP poderia ter. Um curso de Psicologia?

Ana Maria de Almeida Santiago: Existe uma proposta, Ana Lúcia Pinto Considera, do Lucas [Lucas Venancio Pires de Carvalho Lima] do IPRJ que é muito interessante. Que é: as unidades abrigarem cursos de outras unidades.

Ana Lúcia Pinto Considera: É! Eu acho assim...

Ana Maria de Almeida Santiago: Então, por exemplo, é muito interessante. O IPRJ²⁸ é enorme e eles não têm formação de professor lá.

Ana Lúcia Pinto Considera: Então, não poderia vir alguma coisa...?

Ana Maria de Almeida Santiago: A gente não pode pegar um pedacinho lá...? E por outro lado, a gente tem aqui uma necessidade, por exemplo, que tem uma demanda para administração e outros cursos. Não poderia ter um pedacinho aqui? A gente se pensar enquanto universidade, não enquanto guetos fechados.

Ana Lúcia Pinto Considera: Eu acho que espaço tem. Olha, eu cheguei a trabalhar uma época... isso em 2000. A professora Maria Helena [Maria Helena da Silva Paes Farias] que foi diretora daqui abriu uma faculdade no Colégio São Gonçalo e era um curso tecnológico. Aí no primeiro momento achei estranho. Era aquela faculdade com curso tecnológico na área administrativa, de dois anos. Gente, era um público sedento por isso porque era na área de

²⁶ PROTEC - Programa de Incentivo às Atividades Técnico-Administrativas na UERJ.

²⁷ DAA – Departamento de Administração Acadêmica da UERJ.

²⁸ IPRJ - Instituto Politécnico da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – fica localizado na Cidade de Nova Friburgo, Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro.

administração, mas era como se ele pegasse o final. Então era, por exemplo, gerência de processamentos, recursos humanos, processos empresariais, marketing e tinha um público imenso. Mas começa um outro momento em que o Colégio São Gonçalo estava falindo, então a faculdade chegou a segurar por um grande tempo o colégio, eu trabalhei à noite lá, trabalhava aqui, saía daqui e ia para lá e ia para casa. Eu já estava com filhos criados, casada, então fiz toda essa coisa... mas o colégio faliu. Então assim, se a gente pensasse... e isso é quando foi criada a UEZO²⁹. A UEZO eu acho que o pensamento seria esse. Um curso tecnológico, era um curso menor, com atendimento e que você... hoje, por exemplo, alunas desse curso tecnológico terminaram História. Uma terminou, a Cláudia **[Ininteligível]**, terminou Geografia aqui no semestre passado. Então você fica assim: é como se fosse um começo do jovem não saber muito o que ele quer, mas ele precisa estar inserido no mercado de trabalho. Porque o nosso ensino médio também... na minha época eu saí como assistente em administração, depois veio a formação geral que não te dava uma formação de nada e aí era tipo assim... você tem o conhecimento para estar inserido em algum lugar. E esse Ensino Médio hoje. Então se pensasse também se teria lá no outro terreno. Então essa coisa do IPRJ, o que a UEZO pensou, mas acho que acabou não concluindo... eu acho que a gente teria um caminho grande, a FFP ia ser gigante. Eu acho que seria gigante em São Gonçalo.

Rosimeri de Oliveira Dias: Olha, gente, obrigada. Eu vi a Ana [Lúcia] falar da palavra experiência, é uma palavra muito cara, né? Que geralmente é pensada por acúmulo, por somatório, contagem de tempo, mas a experiência também pode ser algo daquilo que a gente sai transformado. E a FFP mostra isso para a gente. Essa conversa, ouvindo vocês, ela não é contagem de tempo somente, não é um acúmulo. Aqui tem um grupo muito bacana que faz a UERJ funcionar.

Ana Maria de Almeida Santiago: Fotografou, Rose? Fotografou?

Rosimeri de Oliveira Dias: Aqui?

Ana Maria de Almeida Santiago: Fotografa, porque aí você tem a galeria dos diretores e vice-diretores da FFP pelos próximos cinquenta anos.

[Rosimeri de Oliveira Dias ri]

Ana Maria de Almeida Santiago: Eles não vão escapar!

Ana Lúcia Pinto Considera: Olha, Rosimeri...

Ana Maria de Almeida Santiago: Eles podem fugir, já tentei pegar um ou outro, mas...

²⁹UEZO - Centro universitário Estadual da Zona Oeste. Incorporado a UERJ em 2022.

Mariza de Paula Assis: Olha, Rui, é a terceira vez que eu estou na gestão.

Rui Aniceto Nascimento Fernandes: Deixa eu fechar minha câmera aqui então, peraí!

[Vários riem]

Ana Lúcia Pinto Considera: Eu hoje quando ouvi a professora Ana Maria, a nossa diretora... quando Ana chegou aqui na FFP o olhar dela era o olhar que a FFP precisava. Aí nisso que eu falo assim: na minha experiência FFP que a gente estava próximo de uma mudança de direção e aí eu fui, conversei com a professora Célia e falei assim: “Célia, aquela Ana que chegou aqui era para ser nossa diretora!” [risos]. Porque eu vinha para os conselhos e Ana quando começava a falar as pessoas paravam e ficavam prestando atenção, você via que ela estava à vontade de fazer, de fazer acontecer. E aí uma vez a Célia me chamou para conversar junto com ela e falou: “mas por que eu? Estou há tão pouco tempo aqui, as pessoas ainda nem me conhecem” e eu falei “mas vão a conhecer”. Mas assim, você vê, foram dois mandatos. Um mandato foi complicado, o primeiro com greve e o outro a pandemia. Mas você vê que segurou.

Maxmilliano Torres: Não e para nossa sorte isso está na mão de uma pessoa segura.

Rosimeri de Oliveira Dias: Não, imagina!

Ana Maria de Almeida Santiago: O pessoal tá querendo investir, não querem assumir, Mariza, tão querendo investir que a gente vai virar. Vai trocar, entendeu?

Glauber Almeida de Lemos: Exatamente!

Ana Lúcia Pinto Considera: É!

Ana Maria de Almeida Santiago: Eles estão... eu estou entendendo isso aí.

Ana Lúcia Pinto Considera: Não, é porque Mariza sempre foi luta, então ficou assim... e vocês viram que... vocês sabem tudo o que vocês passaram para estar até aqui.

Mariza de Paula Assis: Olha só, eu já gastei tudo da minha meta de três mandatos. Bati até o Lula, antes dele chegar eu já estava aqui. [Rosimeri ri]. Então chega, é o suficiente. Que venha... Tem muita gente nova, tem muita gente que tem que estar entrando aqui.

Ana Maria de Almeida Santiago: É sim.

Mariza de Paula Assis: Acho até que você pode continuar na vice, quem sabe junto com alguém aqui? Que você ainda tá com gás, eu acho ótimo.

Ana Maria de Almeida Santiago: A direção tem que ter renovação, gente.

Mariza de Paula Assis: Não, eu sei.

Ana Lúcia Pinto Considera: Não, tem que ter. Renovação tem que ter, mas tem o olhar. Não é só o olhar, é essa vontade. Porque às vezes... gente, eu bati com tantas direções aqui. Esses tempos, por exemplo, quando não era eleição, teve um diretor que ele saiu, foi pro telefone, alguém ligou, eu até que atendi e passei para ele. Daqui a pouco vem ele com uma vasilha de açúcar e diz: “ó, fica de recordação, eu tô indo embora”. Tem Zine... Mariza acho que chegou a trabalhar na equipe de Zine.

Mariza de Paula Assis: Quem, Lobo?

Ana Lúcia Pinto Considera: Não, Lobo foi em 1982. Aí essa época eu regulava pelos filhos. Lobo foi quando nasceu Rafael, Complexo Educacional de São Gonçalo foi quando nasceu Thomás. Pedro foi quando nasceu Guilherme. Então assim, era namorada, casava... eu sabia os diretores por essas épocas. E depois quando a gente teve a nossa primeira eleição mesmo, de votação, de correr atrás... a gente sempre teve esse olhar daquela pessoa com o olhar da FFP. Você vê você, como Marco Antônio, você e Marco Antônio. Você como Ana... porque sentar na cadeira às vezes as pessoas pensam que é fácil, mas não é. Essa cadeira pesa. Então assim, não vou dizer porque ainda não fui em outros lugares, né... Max, Priscilla... [risos]. Um monte de gente nova, né? [risos] *Gente, vai ter eleição...* Vamos começar a pensar.

Mariza de Paula Assis: Vamos fazer a foto?

Glauber Almeida de Lemos: Pois é, gente, eu tenho que sair, já fizeram a foto?

Rosimeri de Oliveira Dias: Eu não consigo printar todo mundo.

Mariza: Vamos lá.

Rosimeri de Oliveira Dias: Quem sabe? Eu não sei como...

Ana Claudia Ramos Sacramento: Espera aí...

Rosimeri de Oliveira Dias: Você consegue, Ana?

Ana Claudia Ramos Sacramento: Deixa eu ver aqui, rapidinho. Eu consigo, só um minutinho. Estou salvando e não está indo.

[Todos se organizam para o print, conversas se sobrepõem e se despedem]



i Rosimeri de Oliveira Dias

Professora Associada do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutora em Psicologia UFRJ. Coordenadora do Grupo de Pesquisas Oficinas de formação inventiva de professores – OFIP/CNPq. Editora da Revista Interinstitucional Artes de Educar. Vice-Coordenadora do FEPAE/ANPED.

E-mail: rosimeri.oliveira.dias@uerj.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4701136188544538>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9250-1010>.

ii Maria da Conceição Calmon Arruda

Doutora em Educação pela PUC-RJ. Professora Adjunta IV da Faculdade de Formação de Professores (FFP) da UERJ e Tecnologista em Saúde Pública da Fiocruz/Icict. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais, Formação de professores, democracia e direito à educação - GRUPEFOR/UERJ. Editora associada da revista Formação em Movimento (ForMov). Coordenadora estadual da Associação Nacional pela Formação de Profissionais da Educação (ANFOPE). No campo da Educação a Distância atua como coordenadora pedagógica de Cursos de Extensão da Fundação Cecierj.

E-mail: maria.arruda@uerj.br .

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5156007272296080>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2928-1005>